



FACONNECT E A CASA TOMBADA

ANA PAULA CARNEIRO

O LIVRO PARA A INFÂNCIA

CLUBE DE LEITURA PARA AS INFÂNCIAS: MEDIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E CRIAÇÃO DOS LIVROS PARA AS INFÂNCIAS

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu pós-graduação **O livro para a infância** apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em **O livro para a infância**, sob orientação das Profa. Cristiane Rogerio e Ananda Luz.

São Paulo/SP

2025

CLUBE DE LEITURA PARA AS INFÂNCIAS: MEDIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E CRIAÇÃO DOS LIVROS PARA AS INFÂNCIAS

ANA PAULA CARNEIRO

Resumo:

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvido na pós-graduação O Livro para a Infância, promovido pela A Casa Tombada/ FACONNECT- Turma 10, apresenta um relato de experiência a partir da vivência da autora ao longo de dez meses com o projeto intitulado Clube de Leitura para as infâncias no Sesc Thermas de Presidente Prudente/SP no ano de 2024. A investigação aborda o papel do mediador como ponte entre a história ouvida, lida e vivida pelas crianças, refletindo sobre diferentes estratégias de mediação literária. Para embasar a discussão, são mobilizadas contribuições de diversos autores. Além disso, dialogamos com os estudos de Arena (2010), Baptista (2023), Cerrillo (2003), Christov (2021), Girotto e Souza (2016), Linden (2018), Modesto-Silva (2019), Nikolajeva (2011) e Chambers (2023). O trabalho destina-se a mediadores de leitura, professores, educadores, pais, pesquisadores, contadores de histórias, escritores, ilustradores, bibliotecários e demais específicos na literatura para a infância, buscando contribuir para a reflexão sobre práticas de mediação e formação leitora.

Palavras chaves: Clube de leitura. Livro para as Infâncias. Mediação de leitura. Circulação de livros. Intervenção literária. Mediação autoral.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Carteirinha do clube – parte externa	12
Imagem 2: Carteirinha do clube – parte interna	12
Imagem 3: Selos do Clube	13
Imagem 4: capa do livro Lendas brasileiras para crianças	17
Imagem 5: Lendas brasileiras para crianças – mediação de leitura	19
Imagem 6: Lendas brasileiras para crianças – intervenção	19
Imagem 7: Lendas brasileiras para crianças – interação com o público	19
Imagem 8: Capa do livro Onde vivem os monstros	23
Imagem 9: Intervenção Onde vivem os monstros	24
Imagem 10: Mediação com o livro Onde vivem os monstros	25
Imagem 11: Livre acesso às obras do acervo	25
Imagem 12: Capa do livro No seu tempo	31
Imagem 13: Preparação e aplicação da mediação de leitura	33
Imagem 14: bate-papo com Juliana Costa	33
Imagem 15: bate-papo com Juliana Costa	34
Imagem 16: Capa do livro Dia de Lua	38
Imagem 17: Cenário e elementos da mediação Dia de Lua	38
Imagem 18: Sequência de imagens do desenvolvimento da mediação	39
Imagem 19: Famílias em momento de mediação com os filhos em livre acesso ao acervo	39
Imagem 20: Capa do livro A avó amarela	44
Imagem 21: Escuta aos ouvintes	45
Imagem 22: Composição do cenário	46
Imagem 23: Entrega do selo do mês	47
Imagem 24: Capa do livro Os dengos na moringa de voinha	49
Imagem 25: Introdução Os dengos na moringa de Voinha	50
Imagem 26: Aquecimento do público – palavras de origem africana	51
Imagem 27: Finalização Os dengos na moringa de Voinha	52
Imagem 28: Capa do livro A boca da noite	54
Imagem 29: Mediação de leitura com Histórias da Nana e Cristino Wapichana	55
Imagem 30: Entrega das cartas dos alunos do 3º ano para Cristino Wapichana	57
Imagem 31: Após a história dança Po Hamék	58
Imagem 32: Histórias da Nana e Cristino Wapichana	59
Imagem 33: Instalação Doçura	63
Imagem 34: Instalação sensorial Doçura	64
Imagem 35: Disposição do acervo e acesso ao público	64
Imagem 36: Capa do livro Amanhã	67
Imagem 37: História mediada com o recurso do Kamishibai	68
Imagem 38: Público ouvindo a história	69
Imagem 39: Benício lendo com Giulia o livro Migrantes	69
Imagem 40: Capa do livro Afrofuturo: ancestral do amanhã	72
Imagem 41: Discussão em sala de aula a partir da obra Afrofuturo: ancestral do amanhã	72
Imagem 42: Laboratório de costura: Kapulanas	73
Imagem 43: Mediação Afrofuturo: ancestral do amanhã	74
Imagem 44: Ambientação, cenário e público.	75
Imagem 45: Bate-papo com Henrique André	76

Imagem 46: Momentos de entregas	77
---------------------------------------	----

SUMÁRIO

1. LUGAR DE SER QUALQUER	6
2. CLUBE DE LEITURA PARA AS INFÂNCIAS	9
3. O CLUBE MÊS A MÊS	15
3.1. Primeiro encontro do Clube	15
3.1.1. Lendas brasileiras para crianças	20
3.2. Segundo encontro do Clube	22
3.2.1. Onde vivem os monstros	26
3.3. Terceiro encontro do Clube	30
3.3.1. No seu tempo	34
3.4. Quarto encontro do Clube	37
3.4.1. Dia de Lua	40
3.5. Quinto encontro do Clube	44
3.5.1. A avó amarela	47
3.6. Sexto encontro do Clube	49
3.6.1. Os dengos na moringa de Voinha	52
3.7. Sétimo encontro do Clube	54
3.7.1. A boca da noite	60
3.8. Oitavo encontro do Clube	62
3.8.1. Doçura	65
3.9. Nono encontro do Clube	67
3.9.1. Amanhã	70
3.10. Décimo encontro do Clube	72
3.10.1. Afrofuturo: ancestral do amanhã	77
4. CONCLUSÕES: COMO CRIEI UMA ATIVIDADE DE LEITURA DE FORMA AUTORAL	80
REFERÊNCIAS	82

1. LUGAR DE SER QUALQUER

Para iniciar a escrita deste ensaio, preciso revisitar quem eu era antes de estar aqui, pois já não sou a mesma. Sou muitas histórias acumuladas ao longo desses meses, entrelaçadas às histórias ouvidas, sentidas e vividas com aquelas que me atravessaram neste percurso n'A Casa.

Ainda sou Ana Paula Carneiro: pedagoga, professora da rede pública municipal de Presidente Prudente/SP, atualmente com uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental – embora, quando comecei o curso, em 2023, lecionasse para uma turma de 2º ano. Sou mestra em Educação pela FCT/UNESP, doutoranda em Educação pela mesma instituição, em meio ao processo de qualificação. Também sou mediadora de leitura (e agora digo isso com a boca cheia e o peito estufado, porque compreendo melhor o que faço e por que faço), narradora de histórias no Histórias da Nana, produtora do grupo Histórias da Nana e do coletivo cultural Galpão da Lua (tenho assumido mais protagonismos nos processos de produção e escrita dos projetos culturais). Sou formadora do LEEI (Leitura e Escrita na Educação Infantil) e no último semestre de 2024 professora bolsista da disciplina Fundamentos e Práticas em Língua Portuguesa: produção e avaliação textual. É... acho que meu parágrafo sobre quem sou eu hoje, aumentou comparado ao início do trajeto nessa pós!

Mas não sou apenas esses títulos, funções e formações. Sou também mãe, esposa, filha. E, por vezes, diante das demandas da vida, eu me questioneei se tenho dedicado tempo suficiente ao que realmente importa. Minha família está sempre junta – no café da manhã, no almoço, mas, à noite, minha filha já não está no jantar da semana, pois decidi cursar Física na UNESP. Tenho orgulho imenso dela. Sei que, apesar das ausências, meus pilares – filhos e esposo – me sustentam, para que eu não desista. Se me foi possível ouvir, eu agradeço a todos os jantares que se preparam enquanto assistia às aulas de pós-graduação. Enquanto eles cozinham, do outro lado da janela, estou tentando me alimentar de conhecimento. E quanto mais leio, pesquiso e sei, mais percebo o quanto há ainda a se aprender.

No início deste percurso, escrevi que, durante o mestrado, investiguei a mediação de leitura, e que, agora, no doutorado, estudo as ações para a formação leitora. Busquei esta pós-graduação para ampliar meu olhar para além do meu grupo de pesquisa, para

entender o que tem sido pensado e pesquisado sobre o livro para a infância. Talvez ela não tenha contribuído diretamente para minha pesquisa de doutorado, mas, sem dúvida, contribuiu para minha vida. Me fez reformular perguntas, encarar incertezas e até sonhar com novos caminhos. Sei que quero ser artista – da palavra, da mediação, das histórias. Ou talvez de algo que ainda nem tenha nome, mas que, quem sabe, eu mesma o invente.

Se algo acontecer intacto desde o início, é a certeza de que “no meio de uma tese existem outras teses”.

Ao longo dessa caminhada, conquistei outros espaços. Concluí a pós-graduação Narração Artística: Caminhos para Contar Histórias em Contexto Urbano, fiz parte da 16ª turma. Esse curso contribuiu muito em minha formação pessoal, profissional e humana durante esse tempo espiralar em que estive/estou junto com esse comboio. Conheci muitas pessoas importantes nesse ciclo que me atravessaram com suas histórias potentes.

Ainda no anseio de prosseguir caminhando junto com esse espaço que me fortalece e me encanta, quero me aprofundar ainda mais nessa Casa que me acolheu com muita escuta... meu medo é de ficar viciada nesse lugar e não querer mais sair!

Sou também pesquisadora da literatura infantil e meu percurso na escrita literária com a produção de um livro para a infância nasceu!!! Lancei meu primeiro livro infantil: Lendas brasileiras para crianças. Talvez se tivesse terminado esse curso antes o teria feito com outros cuidados! Mas, aquilo que tem que ser feito, será feito e poderá ser modificado! Que assim seja!

Gosto de ouvir mais pessoas que assim como eu, são encantadas por essa linguagem. Pois, cada vez mais tenho atuado em ações de incentivo à leitura por meio da literatura infantil com um projeto chamado Bikeoteca <https://www.historiasdanana.com.br/about-1> que leva livros a espaços não convencionais para que possam ser mediados por leitores mais experientes. Essa experiência tem sido uma das coisas mais bonitas que já vivenciei e é por isso que desejo continuar por esse caminho. Essa pós abriu horizontes, me fez ver as bonitezas e possibilidades de trabalho com livro para a infância.

A pós-graduação O livro para a infância acrescentou e acrescentará ainda mais novos conhecimentos para minhas pesquisas e principalmente para as minhas partilhas com os outros, pois tenho trabalhado com o livro para a infância e pra mim... esse é o caminho que quero seguir!

Espero por mais um tempo que vai se achegando ao processo de preparação para a despedida, que eu possa fazer parte desse comboio que me fez ver o mundo com um olhar encantado, cheio de sonhos e esperança.

Agora, enquanto me preparo para a despedida, quero compartilhar neste trabalho como foi a construção e a realização do Clube de Leitura para as infâncias que realizei ao longo de 10 meses no ano de 2024 no Sesc Thermas de Presidente Prudente/SP.

A ideia de criar o Clube surgiu durante uma conversa com uma das programadoras de literatura, quando compartilhei com ela que estava cursando a pós-graduação O Livro para a Infância n'A Casa Tombada. Durante essa troca, ela me contou que estava pensando em organizar um clube de leitura voltado para o público infantil. A partir disso, ela me pediu para elaborar uma proposta de clube de leitura que atendesse tanto as crianças quanto suas famílias.

O objetivo era proporcionar às crianças um contato direto com os livros e encontros com autores. Para isso, utilizei muito do conhecimento adquirido na pós-graduação para criar a curadoria do clube, convidando autores que já conhecia, além de outros que passei a admirar dentro d'A Casa Tombada, como Maurice Sendak, Renato Moriconi, Ana Fátima, Emília Nunez, Lúcia Hiratsuka, Henrique André, entre muitos outros. Sugeri esses autores à programadora para que pudessem participar dos bate-papos planejados para o nosso clube.

Foi, sem dúvida, um processo muito bonito e significativo, que vamos apresentar a seguir, detalhando como a proposta se desenvolveu ao longo dos meses.

2. CLUBE DE LEITURA PARA AS INFÂNCIAS

O Clube de Leitura para as Infâncias foi um projeto realizado no Sesc Thermas. Mas, antes, eu realizava as atividades com o meu grupo de alunas e alunos na rede pública escolar. O compromisso tinha que ser o mesmo: criar momentos de conexão e afeto entre adultos e crianças por meio de livros que dialogam com o outro, consigo mesmo, com o mundo e com a literatura. Por meio dele queremos que crianças e famílias possam pensar sobre as relações humanas, se emocionem, riem, viajem e transcendam suas experiências com o livro, desta forma despertando o senso crítico, contando suas histórias e que possam reinventar a forma de ver o mundo.

Pensamos o Clube, eu e Fabiana Alves (programadora do Sesc Thermas), a partir das reflexões de Chambers (2023) que também nos tocam:

Quando crianças, todos éramos afetados, e ainda somos, pelo que os outros – de quem gostávamos, respeitávamos e escutávamos – comentavam sobre os livros que haviam lido, os quais também lemos por causa do incentivo deles. Todos nós fomos afetados, e ainda somos, pelo que nós próprios falamos, durante uma conversa cotidiana, sobre aquilo que lemos. (p. 21, 2023).

Podemos destacar a dimensão social e afetiva da leitura, evidenciando como o ato de ler não acontece isoladamente, mas dentro de uma rede de influências e trocas. Desde a infância, nossas escolhas literárias são impactadas por aqueles que admiramos - pais, professores, amigos - e pelo modo como compartilham suas experiências de leitura. O entusiasmo de um adulto ao falar sobre um livro pode despertar a curiosidade de uma criança, assim como uma conversa cotidiana entre leitores pode abrir novas perspectivas sobre uma obra.

Essa reflexão ressalta o papel crucial da mediação da leitura, especialmente na formação de leitores. O incentivo para ler não se dá apenas pela imposição de hábitos, mas pelo contágio do prazer da leitura, transmitido por meio das emoções e da conversa. Além disso, o trecho sugere que esse fenômeno não se restringe à infância: continuamos a ser influenciados e a influenciar os outros por meio da partilha das nossas leituras ao longo da vida.

No contexto do Clube de Leitura para as Infâncias, essa ideia se fortalece. O encontro em torno dos livros cria um espaço de escuta e diálogo, onde adultos e crianças

trocam impressões e afetam-se mutuamente através da literatura. Essas experiências coletivas fazem da leitura um momento de conexão e reforçam a importância das relações na construção do prazer de ler.

O Clube de Leitura para as Infâncias foi realizado pelo Histórias da Nana que é um grupo de contação de histórias, mediação de leitura e pesquisa em literatura infantil. Cujo objetivo é contribuir com a formação dos leitores literários por meio de diversas ações que envolvem: contações de história, intervenção literária, mediações de leitura em bibliotecas, praças públicas, espaços alternativos, oficinas de leitura e formação de professores. Formado por Ana Paula Carneiro, a Nana que é mestra e doutoranda em educação, pedagoga, professora da Rede pública há 20 anos, contadora de história, mediadora de leitura e pesquisadora na área de literatura infantil. Tiago Munhoz, o Custipil de Pinot que é produtor, mediador de leitura, excêntrico musical, técnico de som e sonoplasta, palhaço há mais de 20 anos e integrante do grupo Rosa dos Ventos. Giulia Munhoz, mediadora de leitura, contadora de histórias, sonoplasta, musicista e multi-instrumentista, baterista da banda Petúnias Rock.

Desta forma, organizamos o nosso Clube com encontros mensais ao longo de dez meses, assim foram selecionados por meio de uma curadoria especializada livros de acordo com uma temática voltados para a infância. Nesses encontros realizamos uma intervenção literária e na sequência uma leitura compartilhada do livro do mês e as discussões sobre sua temática, sua materialidade, seus autores e conexões com as histórias de vida.

Essas ações ocorreram ao longo de 10 meses – fevereiro a novembro de 2024 – no Quintal do Sesc Thermas de Presidente Prudente/SP, no terceiro sábado de cada mês sempre às 16 horas, criando uma nova periodicidade de realizações.

Antes de iniciarmos as nossas atividades criamos uma carteirinha que foi entregue para os participantes logo no primeiro encontro. Quando iniciamos o Clube a ideia era que o público fosse o mesmo em todas as edições, nossa intenção era que as crianças e suas famílias criassem um vínculo e frequência para que as mesmas pessoas participassem do início (1º mês do clube) ao fim (novembro), que em todos os meses elas pudessem levar suas carteirinhas e recebessem um selo de participação a cada mês.

Para nossa surpresa não foi isso o que aconteceu, tivemos um público ao longo dos meses itinerante, não eram as mesmas crianças e famílias que participavam. Sempre haviam pessoas novas chegando e outras que por algum motivo não conseguiram estar presentes, mas que em outros meses voltavam e se justificavam que não conseguiram vir

no mês anterior. O que podemos analisar a partir desse dado, é que talvez realizar os encontros apenas uma vez ao mês distanciasse o público, hora por esquecimento, hora por outros motivos particulares a cada pessoa.

A recepção das crianças e famílias foram riquíssimas, pois nos relatos que nos contavam, os pais sempre diziam que passaram dias e dias com os filhos repetindo a música que ouviram na história ou falavam sobre algum personagem ou até mesmo que pediam para comprar aquele livro lido, pois não tinham aquele título ainda.

A programação com a obra apresentada no mês saía logo no fim do mês anterior ou no primeiro dia daquele mês, assim as famílias poderiam providenciar o livro ou até mesmo fazer a leitura no próprio espaço de leitura do Sesc, pois a cada mês deixávamos um exemplar da obra que seria lida no mês seguinte.

A carteirinha foi organizada com algumas orientações sobre o clube e como ele funcionava. Ele funcionava como um passaporte do leitor, com espaço para serem colados a cada mês os selos com as capas dos livros e nome dos autores para serem colados respectivamente a cada mês de acordo com a obra apresentada.

Mesmo aqueles que não possuíam ou não conheciam a obra podiam participar, a proposta não era que viessem para o Clube com a obra lida, como ocorre com muitos clubes de leituras para adultos, mas sim que esse fosse um contato aprofundado entre leitores e ouvintes, sendo o livro apresentado de forma diferente para que fossem estimulados a ler o livro após esse primeiro contato.

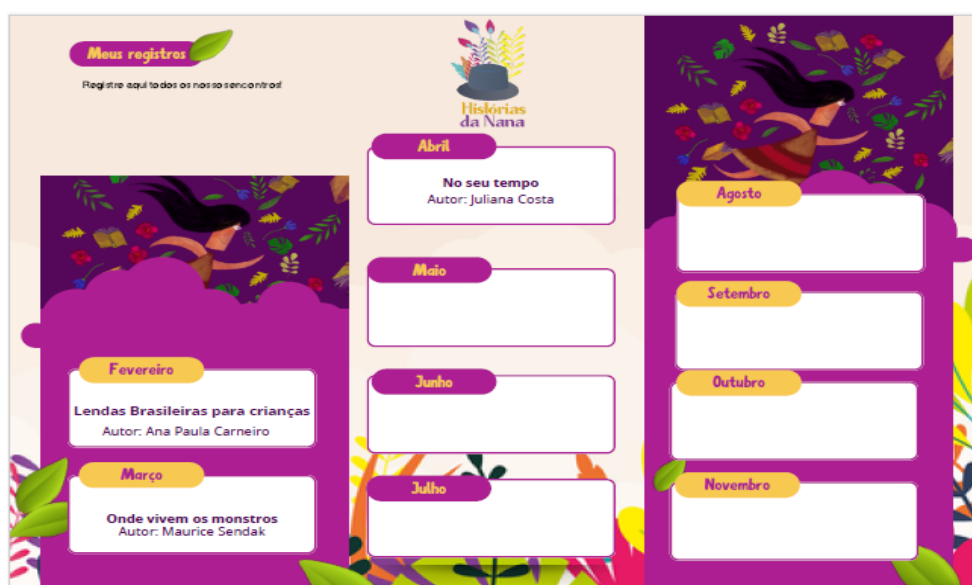
Sempre após as intervenções literárias eram dispostas caixas expositoras com obras que possuíam as mesmas temáticas do livro daquele mês. Desta forma as crianças tinham acesso tanto a obra apresentada como um vasto acervo para ampliar a discussão e comparar com o texto apresentado inicialmente. Nesse momento o público podia escolher entre ler de forma autônoma ou com a mediação de leitores mais experientes (mediadores do grupo Histórias da Nana, pais, ou outro adulto responsável pela criança).

Imagem 1: Carteirinha do clube – parte externa



Fonte: arquivo da autora.

Imagem 2: Carteirinha do clube – parte interna



Fonte: arquivo da autora.

Esse material não apenas registra a participação dos leitores, mas também contribui para a construção de memória afetiva em relação ao Clube, reforçando a experiência da leitura como um momento significativo de troca e aprendizado.

A carteirinha, dividida em parte externa e interna, exerce um papel duplo. A parte externa, visualmente acolhedora e com elementos que remetem à identidade do Clube, simboliza o pertencimento das crianças ao projeto. A parte interna, com espaço para os meses de participação, serve para acompanhar o progresso e a constância das leituras realizadas. Cada mês é marcado por um selo, representando uma jornada contínua dos leitores, o que contribui para a construção de uma memória.

Imagem 3: Selos do Clube

 Fevereiro Lendas brasileiras para crianças Autora: Ana Paula Carneiro Ilustrações: Ricardo Bagge	 Março Onde vivem os monstros Autor: Maurice Sendak Ilustrações: Maurice Sendak
 Abril No seu tempo Autora: Juliana Costa Ilustrações: Anna Magalhães	 Maio Dia de Lua Autor: Renato Moriconi Ilustrações: Renato Moriconi
 Junho A avó amarela Autora: Júlia Medeiros Ilustrações: Elisa Carareto	 Julho Os dengos na moringa de Voinl Autora: Ana Fátima Ilustrações: Fernanda Rodrigues
 Agosto A boca da noite Autor: Cristino Wapichana Ilustrações: Graça Lima	 Setembro Doçura Autora: Emília Nuñez Ilustrações: Anna Cunha
 Outubro Amanhã Autora: Lúcia Hiratsuka Ilustrações: Lúcia Hiratsuka	 Novembro AFROFUTURO: Ancestral do Amanhã Autor: Henrique André Ilustrações: Tutano Nômade

Fonte: Arquivo da autora.

Este material, mais do que um simples registro, torna-se uma ferramenta que reforça a experiência de leitura como um processo dinâmico, motivador e repleto de significados. Ele transforma a leitura em uma prática coletiva e afetiva, dando às crianças um sentido de continuidade e realização dentro do Clube de Leitura para as Infâncias.

Os selos, colados mensalmente, acrescentam um aspecto lúdico e motivacional à participação. Além de marcar a presença, eles também simbolizam as leituras compartilhadas e os encontros realizados. Esse recurso dialoga com estratégias gamificadas, que promovem o interesse das crianças e tornam o processo de formação do leitor mais dinâmico e envolvente.

Mais do que simples registros, a carteirinha e os selos criam um percurso visual e tátil da jornada leitora de cada participante, transformando o ato de ler em uma experiência coletiva, afetiva e complementar, “pois o tempo da leitura não se reduz àquele em que viramos as páginas ou àquele que ouvimos alguém ler em voz alta. O devaneio e as lembranças de uma leitura fazem parte dela” (PETIT, 2019, p. 50).

Petit (2019) destaca a profundidade e a complexidade do tempo envolvido na experiência de leitura. A ideia de que “o tempo da leitura não se reduz àquele em que viramos as páginas ou aquele que ouvimos alguém ler em voz alta” sugere que a leitura não se limita apenas ao momento em que o ato físico acontece, mas que ela se estende para além da página ou da voz. O processo de leitura envolve também o devaneio, o pensamento e as lembranças que surgem a partir do contato com o texto, ampliando a experiência de leitura, desta forma as crianças quando levam para casa a carteira e um novo selo colado, levam na memória os momentos vividos.

Esses “devaneios” e “lembranças” referenciadas por Petit nos convidam a refletir sobre como a escuta da leitura pelo outro ressoa na mente do leitor e dos ouvintes após o momento imediato de leitura. Quando lemos ou ouvimos uma história, não apenas absorvemos suas palavras, mas também geramos imagens, sentimentos e reflexões que permanecem conosco, permitindo que o texto continue a “viver” em nossa memória. Esse espaço mental é parte fundamental da experiência de leitura presente no Clube, pois o desejo é que essas histórias reverberassem por muito tempo no coração daqueles que passaram por essa experiência conosco.

3. O CLUBE MÊS A MÊS

Neste capítulo iremos descrever e refletir sobre como ocorreram os encontros dentro do Clube de Leitura para as Infâncias a cada mês, bem como foi o planejamento, a realização e a recepção do público.

3.1. Primeiro encontro do Clube

O primeiro livro que abriu o Clube de Leitura para as Infâncias no mês de fevereiro de 2024, foi um livro de minha autoria, *Lendas brasileiras para crianças* publicado de forma independente em 2023.

O lançamento desta obra ocorreu pouco antes do meu ingresso na pós-graduação *O Livro para a Infância*. Ela é fruto de um projeto anterior, aprovado em edital, e composta por poemas cuja escrita foi inspirada em lendas que ouvia da minha mãe e da minha avó.

Durante o processo de criação, realizei uma pesquisa com base em obras de diversos autores, como Ricardo Azevedo, Marco Haurélio, Câmara Cascudo, Clarice Lispector, Januária Cristina Alves, entre outros. A partir dessa pesquisa e da escrita inicial, iniciei uma reescrita das histórias, incorporando minhas próprias influências e o repertório que trago comigo.

Talvez, se eu já estivesse cursando a pós-graduação *O Livro para a Infância* naquele momento, teria desenvolvido um olhar mais atento tanto para as ilustrações quanto para a escolha de determinadas palavras no texto.

A aula “Presenças negras no livro para as infâncias”, ministrada por Ananda Luz no dia 27 de agosto de 2023, provocou um forte incômodo em mim. Suas reflexões sobre o corpo-território e sobre os detalhes presentes nas ilustrações do livro *O tabuleiro da baiana*, de Elma, me fizeram repensar profundamente a obra que produzi, *Lendas brasileiras para crianças*. A partir das provocações de Ananda, comecei a reconsiderar o que desejo comunicar, provocar e revelar ao meu leitor.

Durante a aula, um detalhe específico da ilustração analisada por Ananda chamou a atenção: em uma das cenas, a criança negra aparece em segundo plano, enquanto a mulher negra acolhe uma criança branca. Esse pequeno gesto visual transmite, de maneira sutil porém significativa, a mensagem de que o corpo negro é menos valorizado -

reforçando, assim, a centralidade do corpo branco como protagonista. Esse olhar atento aos detalhes me levou, então, a revisitar minha própria obra.

Ao reler meu livro, deparei-me com um verso que até então havia passado despercebido: “Pela última vez o criado foi encontrado.” Após a aula, essa frase passou a me incomodar profundamente. Desde então, não consegui mais incluir essa história em minha performance literária. A lenda do *Negrinho do Pastoreio* marcou minha infância como o primeiro contato com a brutalidade dirigida ao corpo negro. Sempre me tocou profundamente - emociona-me, afeta-me, e me faz reviver a dor dessa criança. Essa história me faz lembrar da crueldade com a qual negros, indígenas e outros grupos marginalizados são historicamente tratados.

Foi impactante ouvir Ananda afirmar que não gosta dessa história - e, embora ainda não tenha tido a oportunidade de perguntar os motivos, sua fala ressoou em mim. Essa aula me abriu os olhos para as camadas simbólicas e as mensagens implícitas nos livros: nas palavras, nas ilustrações, nas escolhas narrativas.

Apesar do incômodo, outro projeto meu foi aprovado, e mais uma vez me propus a reescrever algumas das histórias que marcaram minha trajetória. Dessa vez, não caminhei sozinha: convidei Ananda Luz para acompanhar o processo como consultora. Sua presença foi fundamental para ampliar meu olhar e perceber aspectos que antes me escapavam. Contamos também com a colaboração de Marco Haurélio, o que enriqueceu ainda mais o trabalho de pesquisa e criação. Passei, então, a revisitar essas histórias a partir de uma nova perspectiva, ressignificando-as, trazendo memórias, e reafirmando o que aprendi com Ananda: *“um bom livro não fere a humanidade de ninguém.”*

Outro ponto de inflexão em minha trajetória na pós-graduação foi a discussão sobre o termo “lenda”. A partir das aulas com Truduá Dorrico, em que foram abordados os princípios da educação indígena, passei a questionar o uso dessa palavra. Segundo Truduá, as histórias indígenas não podem ser reduzidas a uma visão simplista ou ocidentalizada. Elas envolvem relações com diversos seres e forças da natureza e são, muitas vezes, vivências sagradas, não apenas narrativas simbólicas.

Esse entendimento se intensificou durante a palestra “A literatura indígena na escola”, ministrada por Cristino Wapichana no Clube de Leitura para as Infâncias, em 22 de agosto de 2024. Cristino contribuiu de maneira decisiva para minha ressignificação do termo “lenda”. Em sua fala, comparou a forma como se aceita, sem questionamentos, a história de Jesus e como, por outro lado, se duvida ou se rebaixa o valor das narrativas

indígenas. Essa comparação me tocou profundamente e alterou a forma como eu mesma compreendia as histórias que sempre contei.

Dessa forma, os ensinamentos de Truduá Dorrico e Cristino Wapichana me mostraram que a palavra “lenda” já não dava conta de nomear essas narrativas ancestrais que atravessam gerações. São histórias ouvidas, vividas e compartilhadas como parte da existência - não meros contos fantásticos. Assim, em 2024, iniciei a escrita do meu novo livro, *Histórias que o tempo soprou...*

Essas reflexões marcam profundamente minha trajetória durante a pós-graduação e justificam a escolha do primeiro livro a ser apresentado no Clube de Leitura para as Infâncias, no Sesc Thermas de Presidente Prudente.

Imagem 4: capa do livro Lendas brasileiras para crianças



Fonte: Arquivo pessoal.

Escolhemos realizar uma intervenção literária utilizando o livro como suporte da narrativa e acrescentando elementos de sonoplastia para criar o clima da história e da ambientação do espaço/tempo para que o público entrasse nesse universo mágico das histórias populares.

A partir de um primeiro contato por meio da intervenção artística do livro *Lendas Brasileiras para crianças*, o grupo *Histórias da Nana* apresentou o livro de estreia de Ana Paula Carneiro – que traz uma divertida coletânea com cinco lendas brasileiras.

Explorando a forma poética e bem humorada, a autora apresenta os seres mitológicos presentes no imaginário do povo brasileiro: Iara, Boto, Cobra Norato, Mboitatá e Negrinho do pastoreio, recontados de forma atraente, despertando a curiosidade dos leitores.

As ilustrações de Ricardo Bagge complementam a narrativa verbal, com traços únicos e expressivos, o ilustrador se utiliza de cores e texturas para representar essas histórias. O leitor precisa estar atento para encontrar as pistas do texto em suas imagens.

Histórias orais são contadas de geração a geração e nessa obra, foram recriadas de forma leve, cativante e poética, resgatando a memória cultural brasileira e as relações afetivas de seus leitores, trazendo uma experiência única para aqueles que ainda não as conheciam.

Acreditamos assim como Zumthor (1997), que “a tradição oral é o alicerce da memória coletiva, transmitindo não apenas histórias, mas também valores, identidades e afetos, recriando-se constantemente na voz de cada narrador” (p. 25). Podemos destacar o papel fundamental da tradição oral na construção da memória coletiva. Segundo esse autor, a oralidade não apenas transmite histórias, mas também carrega valores, identidades e afetos, elementos essenciais para a formação cultural de um povo.

Ao afirmar que a tradição oral “se recria constantemente na voz de cada narrador”, Zumthor sugere que a transmissão oral não é estática, mas dinâmica, moldando-se de acordo com o contexto e as experiências individuais de quem narra e de quem ouve. Essa perspectiva reforça a ideia de que a oralidade não apenas preserva, mas também reinventa a cultura, garantindo sua continuidade ao longo do tempo.

Enfatizamos a forma como as histórias orais são passadas de geração a geração, sendo recriadas de maneira cativante e afetiva. O ato de contar histórias, assim, torna-se uma experiência única para cada ouvinte, que não apenas recebe uma tradição, mas também participa ativamente de sua renovação.

Após a mediação de leitura o público foi convidado a participar de um bate-papo com a autora conversando sobre o processo criativo de produção do livro e curiosidades sobre a obra. Fizemos também o lançamento e a venda do livro para aqueles que desejassem e pudessem adquirir a obra, pois ela não está à venda nas lojas comerciais, ela é comercializada diretamente com a autora da obra.

Para finalizar as atividades do Clube, nesse dia foi realizada a mediação de leitura com livros do acervo do grupo Histórias da Nana. Buscamos ofertar uma bibliodiversidade¹ de temas e gêneros na seleção dessas obras, nesta ocasião levamos livros de poemas, livros para bebês, livros que abordam as questões étnico-raciais, livros de imagens, livros escritos e ilustrados por mulheres, etc., enfim uma demonstração da

¹ Entendemos o conceito de bibliodiversidade como aquela que garante a presença da diversidade de gênero, cultura, raça e política na produção editorial. Para aprofundamento do tema sugerimos a leitura da monografia *Desafios da gestão de coleções em bibliotecas públicas na contemporaneidade: um estudo amparado em princípios da bibliodiversidade* de autoria de Marina Haussauer, 2022.

complexidade de temas e de materialidades que podemos encontrar dentro da literatura para as infâncias.

O Encontro com a autora tem como objetivo criar momentos de conexão e proximidade entre a autora do livro *Lendas Brasileiras* para crianças e o público jovem. Nesse encontro a autora realiza uma performance da obra e abre para um bate-papo conversando com o público como foi o processo criativo do livro.

Imagem 5: Lendas brasileiras para crianças – mediação de leitura



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 6: Lendas brasileiras para crianças – intervenção



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 7: Lendas brasileiras para crianças – interação com o público



Fonte: Arquivo pessoal.

A partir das imagens, percebe-se como a leitura compartilhada se transforma em um momento interativo, em que a literatura ganha corpo por meio de expressões, gestos e trocas entre mediador e público. Esse tipo de intervenção literária valoriza não apenas o conteúdo da obra, mas também a forma como ela é apresentada, despertando curiosidade, encantamento e reflexão sobre as histórias.

Além disso, a experiência se fortalece ao permitir que os participantes estabeleçam conexões entre as histórias narradas e suas próprias vivências, promovendo uma relação afetiva com o livro e incentivando o desenvolvimento do gosto pela leitura. Dessa maneira, a mediação da obra *Lendas brasileiras para crianças* ganha um significado para essa autora do TCC e também da obra, pois foi uma forma de apresentar o Clube para o público de uma maneira muito pessoal por se tratar de um texto de minha autoria, criando dessa maneira um vínculo para que as crianças e famílias voltassem em uma próxima edição.

3.1.1. Lendas brasileiras para crianças

O processo de mediação e circulação do livro “*Lendas brasileiras para crianças*” no Clube de Leitura para as Infâncias foi construído a partir de uma abordagem sensível e interativa, visando aproximar as crianças das narrativas folclóricas de maneira lúdica e significativa.

A escolha do livro como objeto central de leitura partiu do reconhecimento da importância da oralidade na formação leitora infantil. As lendas brasileiras, ao serem

apresentadas de forma envolvente, permitem não apenas o contato com a cultura popular, mas também a ampliação do repertório imaginativo das crianças.

A mediação da leitura foi planejada com estratégias que iam além da simples decodificação do texto. A intenção era provocar experiências estéticas e afetivas por meio de rodas de conversa, brincadeiras e dramatizações. Cada encontro no Clube de Leitura era estruturado para proporcionar uma imersão nas histórias, explorando ritmos, sonoridades e elementos simbólicos das lendas.

Durante o Clube de Leitura para as Infâncias, utilizamos a “proferição” (Silva, Campos, Carneiro et.al., 2020 e Bajar, 2005) para mediar as leituras, estamos entendendo aqui como uma ação que distingue a fala do mediador da fala do escritor, em que aquele que medeia coloca sua própria voz, seus sentimentos e intenções ao dizer o texto em voz alta, pois segundo Bajard (2005) a “leitura em voz alta” é diferente da leitura em si. A leitura para o autor é um processo que ocorre individualmente e internamente e a “leitura em voz alta” ou o dizer é a verbalização do texto.

Outro aspecto relevante do processo foi a materialidade do livro. A ilustração, o projeto gráfico e os recursos visuais foram explorados como elementos narrativos que dialogavam com o texto e potencializavam a experiência leitora. A relação entre imagem e palavra tornou-se essencial para despertar o interesse e a imaginação das crianças.

Além das leituras compartilhadas, a circulação do livro foi incentivada por meio de atividades que permitiam às crianças levarem as histórias para além dos encontros do clube.

Antes das histórias, a abertura era realizada com a música “Watatá” – que é de autoria do grupo Histórias da Nana - criando um ambiente receptivo e envolvente. A primeira lenda abordada foi Iara, apresentada com uma introdução interativa entre as mediadoras e o público, promovendo um aquecimento para a participação ativa das crianças.

A narração era enriquecida por sonoplastias utilizando chocalhos, pau de chuva, alfaia, flauta, apitos e maracá. Foram contadas quatro histórias: Iara, Boto, Cobra-Norato e Mboitatá. Ao fim de cada história, eram compartilhadas curiosidades no formato “Você sabia?”, incentivando o diálogo com as crianças.

Músicas populares relacionadas aos personagens folclóricos, como “Sereia” de Rubinho do Vale e “Boto Namorador” de Dona Onete, foram incorporadas à experiência para fortalecer a conexão entre oralidade, música e tradição.

Na finalização, a interação foi ampliada com a canção “A história da serpente”, que convidava o público a participar ativamente da narrativa corporalmente. Para encerrar, um bate-papo com a autora explicou o processo de criação do livro, seguido da oportunidade de exploração livre do acervo literário disponibilizado pelas mediadoras.

A experiência no Clube de Leitura para as Infâncias evidenciou que a mediação literária, quando realizada de maneira intencional e sensível, favorece não apenas o desenvolvimento da leitura, mas também a construção de uma relação afetiva com o livro e com o ato de narrar. A circulação das lendas brasileiras no universo infantil reforça a importância da literatura como um espaço de pertencimento, identidade e encantamento.

Os clubes de leitura literária são, assim, um caminho para formar leitores mais autônomos e independentes. Ao colocar no centro de uma roda uma obra literária, também despertamos e alimentamos a necessidade de fabulação e de produção de narrativas que todo ser humano tem, esmagadas no mundo contemporâneo pelo utilitarismo reinante e pelo acesso desigual à cultura e à literatura. (DURAND; GERBOVIC, 2024, p. 35).

As autoras enfatizam o papel dos clubes de leitura na formação de leitores mais autônomos e independentes, destacando sua importância na valorização da literatura em um mundo marcado pelo utilitarismo e pela desigualdade no acesso à cultura.

Ao afirmarem que os clubes despertam e alimentam a necessidade de fabulação e produção de narrativas, as autoras sugerem que a leitura não é apenas um ato de decodificação de palavras, mas uma experiência criativa e transformadora. A literatura, nesse contexto, não apenas amplia os repertórios culturais, mas também incentiva o pensamento crítico.

Além disso, a crítica ao “utilitarismo reinante” evidencia um dos desafios contemporâneos: uma valorização excessiva do conhecimento funcional e produtivo, em detrimento da frutificação estética e da imaginação. A leitura literária, especialmente em espaços coletivos como os clubes de leitura, torna-se uma forma de resistência, promovendo encontros, debates e reflexões que escapam da lógica puramente instrumental da sociedade atual.

Por fim, as autoras apontam para a desigualdade no acesso à cultura e à literatura, um problema recorrente que limita a formação de leitores críticos. Assim, os clubes de leitura surgem não apenas como espaços de compartilhamento de livros, mas como ferramentas de democratização do conhecimento.

3.2. Segundo encontro do Clube

No segundo encontro do Clube de Leitura para as Infâncias, escolhemos o livro *Onde Vivem os Monstros* (Where the Wild Things Are, 1963), escrito e ilustrado por Maurice Sendak. A escolha se deu, entre outros motivos, pelo fato de essa obra ter sido eleita, em 2023, como o melhor livro infantil do mundo pelo grupo jornalístico britânico BBC. Assim como, a própria *A Casa Tombada* também traz a discussão dessa obra por meio do “Ciclo de Estudos Maurice Sendak, seus terríveis rugidos e as crianças”, desta forma pensei que essa seria a oportunidade de uma discussão mais aprofundada sobre o livro aborda. Participar e ouvir os professores desse ciclo me ajudou a criar uma mediação mais profunda buscando a essência das infâncias e principalmente me conectando com a minha infância. No planejamento busquei pensar como a criança pensa.

Imagem 8: Capa do livro Onde vivem os monstros



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse clássico da literatura infantil foi amplamente traduzido, estudado e lido em diferentes partes do mundo, o que demonstra sua potência atemporal e seu alcance simbólico. Para aprofundar nossa compreensão da obra e das subjetividades que ela evoca, realizamos um percurso de estudos fundamentado em diversas pesquisas acadêmicas — entre elas, uma dissertação, uma monografia e uma tese —, além das reflexões que emergiram a partir do ciclo de estudos Maurice Sendak, seus terríveis rugidos e as crianças.

Antes mesmo do planejamento do encontro com as crianças, tornou-se essencial que a mediadora se debruçasse com cuidado sobre a leitura e a análise da obra. Essa imersão prévia possibilitou, durante a mediação, a abertura de caminhos para explorar as camadas implícitas da narrativa — aquilo que não está diretamente dito, escrito ou ilustrado, mas que habita o silêncio das páginas e pode ser revelado nas entrelinhas, por meio do olhar sensível e curioso das crianças.

Publicado originalmente em 1963, nos Estados Unidos, o livro narra a história de Max, um menino travesso que, fantasiado de lobo, apronta travessuras até ser mandado para o quarto de castigo, sem jantar. No isolamento do quarto, uma floresta começa a crescer, e Max embarca em um pequeno barco rumo ao lugar "onde vivem os monstros", onde é coroado rei. No entanto, a história vai muito além dessa premissa e carrega uma complexidade que motivou nossa dedicação ao seu estudo.

Imagem 9: Intervenção Onde vivem os monstros



Fonte: Arquivo pessoal.

Organizamos esse encontro em três momentos, alinhados à estrutura das nossas intervenções: antes da história, durante a história e após a história.

Nesta ocasião, contamos com a participação de três mediadores: Nana (eu), Custipil de Pinoti, um palhaço interpretado por Tiago Munhoz, e Giulia. Planejamos ações que envolvessem música e sonoplastia, utilizando diferentes instrumentos: Ana no triângulo, Tiago na sanfona e Giulia no pandeiro.

Outro aspecto fundamental foi a composição do figurino e do cenário, elementos que enriquecem a mediação e ajudam o público a se conectar com o universo da história.

Cada detalhe foi cuidadosamente pensado para criar uma ambientação imersiva e despertar a imaginação das crianças.

Para tornar a experiência ainda mais envolvente, levamos duas fantasias de monstro e convidamos duas crianças do público para vesti-las e interagir conosco. Elas foram estimuladas a imitar sons e movimentos dos monstros, criando um vínculo lúdico com a narrativa antes mesmo de iniciarmos a leitura. Essa interação inicial ajudou a cativar o público e a prepará-lo para mergulhar na história de forma participativa.

Imagem 10: Mediação com o livro Onde vivem os monstros



Fonte: Arquivo pessoal.

Após a mediação do livro, disponibilizamos um espaço para que o público pudesse explorar livremente nosso acervo, composto por obras com a temática de monstros e seres fantásticos. Dessa forma, crianças e famílias tiveram a oportunidade de folhear os livros, ler de maneira autônoma ou contar com a mediação dos integrantes do grupo Histórias da Nana, além de interagir com seus próprios familiares na leitura compartilhada.

Imagem 11: Livre acesso as obras do acervo



Fonte: arquivo pessoal.

O segundo encontro do Clube de Leitura para as Infâncias foi uma experiência enriquecedora tanto para os mediadores quanto para o público. A imersão na obra *Onde Viver os Monstros* permitiu explorarmos diferentes formas de mediação, ampliando nosso olhar sobre a importância da interação sensorial, do uso da música e da construção de um ambiente lúdico na apresentação das histórias. A recepção do público foi extremamente positiva: as crianças se envolveram ativamente, participando com curiosidade e imaginação, enquanto as famílias demonstraram entusiasmo ao compartilhar a leitura em um espaço acolhedor. Esse encontro reafirmou a potência da literatura infantil como um convite à fantasia e ao diálogo, fortalecendo ainda mais nossa proposta de aproximar crianças e adultos do universo literário de maneira sensível e criativa.

3.2.1. Onde vivem os monstros

A infância é um terreno de descobertas, emoções intensas e, muitas vezes, conflitos internos que se manifestam de formas inesperadas. “Onde Viver os Monstros”, de Maurice Sendak, nos convida a uma reflexão profunda sobre a maneira como as crianças lidam com sentimentos como raiva, solidão e arrependimento. O percurso de Max, o protagonista da história, nos lembra que a fantasia pode ser um espaço seguro para compreender e transformar emoções que parecem incontroláveis.

A experiência de mediação apresentada no roteiro leva o leitor muito além da simples escuta da narrativa. Ao incorporar elementos lúdicos, como sonoplastia, participação ativa das crianças e exploração sensorial, cria-se um ambiente que estimula

a imaginação e permite um mergulho mais profundo no universo da história. O envolvimento do público com os rugidos dos monstros, as tempestades no mar e a coroação de Max como rei dos monstros reforçam a vivência do enredo de forma imersiva e significativa, pois “na linguagem da criança a criatividade se faz presente sem ainda a firme rigidez do mundo prático” (CRUZ, 2011, p. 72). Na primeira infância, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um espaço de experimentação e invenção.

As crianças combinam palavras e conceitos de maneira inovadora, criando narrativas e significados próprios. Esse processo criativo, muitas vezes marcado pelo lúdico e pelo fantástico, contrasta com a estrutura fixa e funcional que a linguagem adquire na vida adulta. Além disso, a mediação e as interações sociais desempenham um papel fundamental na maneira como a criatividade infantil é cultivada ou inibida. Ambientes que valorizam a expressão livre e o brincar estimulam essa criatividade, enquanto a ênfase excessiva em normas e estruturas pode limitar essa fluidez imaginativa. Dessa forma, compreender a linguagem da criança como um espaço de criação e não apenas como um instrumento de comunicação é essencial para promover um desenvolvimento mais rico e expressivo.

A discussão posterior à leitura amplia ainda mais o impacto da experiência, ao incentivar reflexões sobre os sentimentos e situações vividas pelos personagens. Quando perguntamos às crianças e aos pais se já se sentiram como monstros, estamos abrindo espaço para um diálogo sincero sobre as dificuldades e desafios das relações afetivas. Max é uma representação universal da infância: um ser que explora limites, desafia regras e, ao mesmo tempo, deseja ser amado e acolhido.

O autor Maurice Sendak revolucionou a literatura infantil ao abordar a complexidade emocional das crianças sem recorrer a simplificações. Seu legado nos ensina que a infância não é apenas um período de inocência e pureza, mas também um tempo de crescimento, aprendizados e confrontos internos. Sua obra nos desafia a respeitar os sentimentos infantis e a reconhecer que, muitas vezes, as crianças precisam viajar para o mundo dos monstros para poderem, enfim, voltar para casa e encontrar seu lugar ao lado daqueles que as amam.

A mediação proposta, ao transformar a leitura em uma experiência coletiva e interativa, reforça o papel da literatura como um espelho das emoções humanas. Ao final, quando Max retorna para casa e encontra seu jantar “ainda quentinho”, percebemos que, independentemente das tempestades emocionais, há sempre um espaço de acolhimento e

amor. E talvez seja essa a maior lição que Sendak nos deixou: mesmo nos momentos em que nos sentimos monstros, ainda há um lar nos esperando.

No segundo encontro do Clube de Leitura para as Infâncias, a obra *Onde Vivem os Monstros*, de Maurice Sendak, tornou-se um convite para explorar a imaginação, as emoções e os laços entre adultos e crianças. Mais do que uma simples leitura, a experiência envolveu corpo, voz e interação, criando um espaço onde o ato de ler foi, acima de tudo, um ato de partilha e encontro.

Para Bettelheim (2002), “a imaginação é um refúgio onde as crianças podem explorar seus sentimentos mais profundos, enfrentar seus medos e retornar fortalecidas à realidade.” (p. 40). Podemos destacar a imaginação como um refúgio essencial para que as crianças possam explorar suas emoções, enfrentar medos e desafios internos de maneira simbólica. Essa ideia se alinha diretamente com *Onde Vivem os Monstros*, no livro, Max, após ser repreendido por sua mãe, embarca em uma aventura imaginária onde se torna o rei dos monstros. Essa viagem representa um processo de autorreflexão, permitindo-lhe lidar com sentimentos como raiva, frustração e desejo de independência. Como sugere Bettelheim, a fantasia não é uma simples fuga da realidade, mas um espaço seguro onde a criança pode elaborar suas emoções de forma simbólica, retornando mais fortalecida ao mundo real.

A conexão entre a psicanálise dos contos de fadas e a obra de Sendak também ressalta a importância da literatura infantil no desenvolvimento psicológico da criança. Ao permitir que os pequenos se projetem em narrativas cheias de desafios e soluções criativas, os livros se tornem instrumentos poderosos para a construção da identidade e do amadurecimento emocional.

Assim, a leitura mediada da história de Max permitiu que as crianças se vissem refletidas em suas travessuras e emoções, enquanto os adultos reconheceram, com um sorriso nostálgico, o desafio de lidar com a infância e suas tempestades emocionais. Quando pais e filhos rugiram juntos, mostraram as garras e embarcaram na bagunça real/geral e imaginária, um diálogo sensível se construiu, permitindo que cada um explorasse seus próprios “monstros” e afetos.

Esse tipo de vivência é essencial para a formação de leitores. Ao transformar a leitura em uma experiência sensorial e afetiva, os livros deixam de ser apenas objetos para se tornarem portais para o encantamento. Crianças que experimentam a leitura como um momento de conexão e alegria são mais propensas a desenvolver uma relação duradoura com os livros.

Além disso, o encontro proporcionou um momento valioso de escuta. As perguntas finais convidaram todos a refletirem sobre a história, suas camadas e significados. Ao perceberem que suas impressões eram importantes e que suas respostas abriam novas possibilidades de interpretação, as crianças foram estimuladas a pensar criticamente, a formular hipóteses e a compartilhar suas ideias.

Os livros, quando vividos de forma compartilhada, criam memórias afetivas. Para muitas crianças, aquele momento de leitura, repleto de brincadeiras e cumplicidade, poderá se transformar em um marco na relação com as histórias e com seus familiares. Para os adultos, foi um lembrete de que, no meio da correria do dia a dia, a literatura pode ser uma ponte para reencontrar a criança que um dia foram e para fortalecer laços com as crianças que têm ao seu redor.

No fim da história, Max voltou para casa e encontrou seu jantar ainda quentinho. No Clube de Leitura, os participantes saíram com algo igualmente valioso: a certeza de que a leitura aquece, aproxima e transforma.

Assim,

para compreender a dimensão fundante da literatura é preciso ter experiências significativas com a leitura. A escuta do outro e a horizontalidade na discussão ampliam as margens e nos fazem ultrapassar fronteiras individuais e sociais. Elas podem trazer para a superfície facetas mais resguardadas que carregamos em nós, e nos fazer refletir sobre o que tem nos pautado, quais os sentidos que nos foram vilipendiados e que podemos recobrar por estarmos em diálogo com outras pessoas. (DURAND; GERBOVIC, 2024, p. 36)

De acordo com Durand e Gerbovic (2024), destacamos a literatura como uma experiência transformadora, que vai além do ato individual da leitura e se fortalece no compartilhamento e no diálogo. Para que a literatura alcance sua dimensão fundamental, ou seja, sua capacidade de formar subjetividades e construir conhecimento, é essencial que os leitores tenham vivências significativas com os textos, sejam por meio da leitura ou de interações coletivas.

Um dos aspectos centrais dessa reflexão é a escuta do outro e a horizontalidade na discussão. Quando a leitura se torna um espaço de troca, ela amplia perspectivas e permite que os leitores transcendam suas próprias fronteiras individuais e sociais. O ato de

conversar sobre uma obra possibilita a emergência de novas interpretações, muitas vezes revelando aspectos ocultos da própria identidade do leitor.

Além disso, as autoras sugerem que esse processo pode trazer à tona facetas resguardadas de nós mesmos, ou seja, elementos que, por diversos motivos, foram silenciados ou reprimidos. A literatura, ao provocar reflexões sobre nossos valores, experiências e visões de mundo, pode ajudar a resgatar sentidos que foram vilipendiados — seja por imposições sociais, falta de acesso à cultura ou processos de alienação. Assim, ao dialogar sobre um livro com outras pessoas, o leitor não apenas amplia seu repertório intelectual, mas também recupera aspectos de sua própria subjetividade

Essa perspectiva reforça a importância dos espaços coletivos de leitura, como acontece no Clubes de Leitura para as Infâncias, bem como em outros exemplos de ações semelhantes, que proporcionam um ambiente de troca e escuta, possibilitando não apenas uma melhor compreensão dos textos, mas também um enriquecimento pessoal e social.

3.3. Terceiro encontro do Clube

O terceiro encontro do Clube de Leitura aconteceu em abril e teve como obra escolhida *No Seu Tempo*, da autora Juliana Costa. A seleção do livro partiu da sugestão de Fabiana Alves, programadora do Sesc, que conheceu a autora durante a pós-graduação na mesma universidade onde ambas estudaram. Juliana atuou como colaboradora do Grupo de Trabalho do Núcleo Negro para Pesquisa e Extensão (NUPE) de São José do Rio Preto, enquanto Fabiana integrou o NUPE de Presidente Prudente. Essa conexão gerou uma identificação entre a autora, a programadora e a mediadora do Clube, pois todas são mulheres negras que desenvolvem pesquisas e projetos específicos nessa temática.

A obra *No Seu Tempo* foi viabilizada por meio da Lei de Fomento Nelson Seixas, em 2023, no município de São José do Rio Preto. Mas, também teve seu lançamento no Sesc Thermas, que ocorreu no próprio Clube de Leitura, em uma edição especial viabilizada pela contratação da autora para esse momento. A atividade proporcionou um encontro significativo entre a autora e o público, com bate-papo, troca de experiências e sessão de autógrafos, fortalecendo os vínculos entre a obra, seus leitores e o processo de criação.

Partimos do pressuposto do nosso lugar de fala como mulheres negras para afirmar que a escolha da obra não se deu ao acaso. Como aponta Djamila Ribeiro (2020, p. 42), “a reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida”.

Pensar a edição deste mês do Clube de Leitura é também refletir sobre o protagonismo de mulheres negras nesse espaço — e, mais amplamente, em instituições como o Sesc, onde historicamente os cargos de decisão e programação têm sido majoritariamente ocupados por homens. Esta edição, em especial, foi concebida por uma programadora negra que escolheu destacar outras vozes negras: a da autora da obra mediada e a da própria mediadora do encontro.

Assim, reafirmamos que “só fala na voz de ninguém quem sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade” (RIBEIRO, 2020, p. 90). Esta ação é, portanto, uma forma de reivindicar não apenas espaço, mas também existência, memória e escuta.

Segundo Ribeiro (2020), “existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos. De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. (p. 34). A escolha da obra diz muito sobre esse lugar dos nossos corpos, pois a mulher ocupa sempre um lugar em segundo plano pelo olhar dos homens, mesmo sendo elas protagonistas de suas próprias histórias, mas a partir do momento que a voz está com os homens, elas são sempre reduzidas a mulheres, aquelas que são frágeis e não apresentam estruturas físicas e intelectuais para desenvolverem as mesmas funções dos homens, romper com essa lógica mercadológica nesse mês com o Clube foi uma realização.

Imagem 12: Capa do livro No seu tempo



Fonte: Arquivo pessoal

O livro aborda uma temática bem interessante que mereceu atenção nas mediações com as crianças. Quem nunca ouviu que não podemos perder tempo? Ou que o tempo cura tudo? Alguns dizem que ele voa, enquanto outros afirmam que tudo acontece no momento certo. Mas, afinal, o que é esse tempo de que tanto conversarmos? Para tentar responder a essa pergunta — que pode parecer simples para os adultos —, embarcamos nas reflexões a partir da perspectiva da pequena Maia, a protagonista desta história. Através de suas descobertas sobre o mundo, ela convida crianças e adultos a filosofarem sobre o tempo de uma maneira leve e encantadora.

A abordagem da obra é especialmente útil para trazer a visão infantil como ponto de partida para uma reflexão profunda. Enquanto os adultos, imersos na rotina e nas pressões do cotidiano, costumam enxergar o tempo de maneira pragmática e linear, a infância permite um olhar mais livre e imaginativo. Maia nos lembra que o tempo não é apenas uma sequência de minutos e horas, mas também está ligado a uma espiral.

Leda Maria Martins (2021), em sua obra *Performances do Tempo Espiralar, Poéticas do Corpo-Tela*, apresenta o conceito de “tempo espiralar” como uma percepção temporal que entrelaça passado, presente e futuro de forma não linear. Ela descreve a ancestralidade como sendo marcada por “um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide”. Nesse sentido, os eventos não seguem uma cronologia linear, mas estão em constante transformação e inter-relação.

De acordo com Martins (2021),

A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro. As curvas da ancestralidade são presididas pelos antepassados venerados, pois sua imanência e presença são condições imprescindíveis para o pulso e fluxo ininterruptos e contínuos do existir. O ancestral, experiência acumulada do vivido, assegura a transposição das nzilas cruzadas, das travessias transversas, mantendo a possibilidade de permanência dos seres em sua existência diferenciada. Por isso é lembrado e celebrado como fonte de conhecimento e de rejuvenescimento. (p. 135)

Ao descrever a ancestralidade como um tempo espiralar, Martins (2021) rompe com a noção linear do tempo ocidental e evidencia a circularidade e simultaneidade do passado, presente e futuro nas tradições afro-diaspóricas. A ideia de um tempo que retorna, restabelece e transforma sugere que a memória dos antepassados não é estática, mas viva, pulsante e em constante reelaboração. Os antepassados não são apenas lembranças, mas presenças ativas que sustentam a continuidade da existência, garantindo a travessia das dificuldades e o fortalecimento das identidades. Assim, a ancestralidade não é apenas um vínculo com o passado, mas uma potência que orienta o presente e projeta o futuro, reafirmando a importância da memória coletiva e do culto aos que vieram antes como um eixo de resistência e renovação.

Antes de apresentar os livros no Clube de Leitura, eu trabalhava as histórias com meus alunos de uma turma de 3º ano do ensino fundamental em uma escola pública. Esse processo permitia planejar, realizar e ajustar a mediação com base na recepção das crianças, identificando o que funcionava bem e o que precisava ser aprimorado para o formato mais artístico.

Imagem 13: Preparação e aplicação da mediação de leitura



Fonte: Arquivo pessoal

Esse primeiro ensaio foi fundamental para reestruturar a abordagem e refinar as perguntas que seriam feitas ao longo da mediação. Muitas vezes, o que é planejado não ocorre exatamente como imaginado, já que as crianças são espontâneas e trazem novas perspectivas para a experiência. Dessa forma, era possível adaptar a mediação para torná-la mais envolvente e eficaz.

Com minha turma, havia um ambiente de confiança e liberdade, o que permitia que os alunos expressassem abertamente suas impressões sobre as obras. Eles

frequentemente acrescentavam percepções que meu olhar de adulto não captava, enriquecendo minha compreensão e ajudando-me a repensar a estrutura da mediação. Assim, cada livro mediado no Clube de Leitura passava primeiro por esse ensaio com meus alunos, garantindo que a experiência fosse mais fluida e significativa ao ser apresentada para um público desconhecido.

Imagem 14: bate-papo com Juliana Costa



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 15: bate-papo com Juliana Costa



Fonte: Arquivo pessoal

A obra *No seu tempo*, tem um papel importante ao estimular o pensamento crítico e a curiosidade filosófica desde cedo. Ao instigar perguntas em vez de oferecer respostas prontas, ela convida tantas crianças quanto adultos a ressignificarem sua relação com o tempo, aprendendo a valorizá-lo não apenas como um recurso, mas como parte essencial da experiência humana. Assim, essa leitura se torna uma oportunidade de pausa e reflexão, um convite para enxergar o tempo não como algo a ser dominado, mas como um companheiro a ser compreensivo.

3.3.1. No seu tempo

O encontro do Clube de Leitura deste mês foi cuidadosamente planejado para proporcionar uma experiência imersiva e reflexiva sobre a temática do tempo, tendo como base o livro *No Seu Tempo*, de Juliana Costa. A estrutura do Clube foi delineada para envolver os participantes de maneira dinâmica, interativa e sensorial, garantindo que o conceito do tempo fosse explorado de múltiplas formas e perspectivas.

A abertura do encontro iniciou-se com a apresentação musical “Watatá”, que contou com a participação de instrumentos como triângulo, sanfona/zabumba e pandeiro. Esse momento inicial teve como objetivo criar uma atmosfera lúdica e acolhedora, preparando os participantes para a imersão na temática proposta.

Antes da leitura da história, foram utilizados elementos lúdicos e poéticos para instigar a reflexão sobre o tempo. O trava-língua “*O tempo perguntou pro tempo...*” foi empregado como uma ferramenta para trabalhar ritmo e oralidade, introduzindo a fluidez e o caráter cíclico do tempo de forma divertida. Em seguida, a leitura da poesia “*O Relógio*”, de Vinícius de Moraes, no ritmo de xote, reforçou a percepção do tempo como um elemento musical e rítmico, trazendo uma abordagem sensível e poética à discussão.

Durante a narração da história, a experiência foi enriquecida pelo uso de sonoplastia com instrumentos como a kalimba e o agogô, promovendo uma atmosfera sensorial que aprofundou a experiência da narrativa. A sonorização ajudou a enfatizar momentos-chave da trama e proporcionou um maior envolvimento do público com a história.

Após a leitura, os participantes foram convidados a refletir sobre suas próprias percepções do tempo por meio de perguntas abertas. Questões como “Qual é o seu tempo?”, “O que você faz com o seu tempo?”, “Como você era quando pequeno?” e “Como se vê no futuro?” possibilitaram um diálogo rico e significativo, estimulando o compartilhamento de diferentes vivências e perspectivas sobre o tema.

Na sequência, foi realizada uma breve apresentação sobre a autora Juliana Costa, destacando sua trajetória acadêmica e profissional, bem como sua atuação na área da educação e do letramento racial. Esse momento proporcionou uma contextualização sobre a importância de sua obra e sua contribuição para o debate sobre identidade e representatividade.

O ponto alto do encontro foi o bate-papo com a autora, no qual foram abordados aspectos fundamentais da concepção e desenvolvimento do livro. A conversa incluiu questões sobre a origem da temática da obra, o processo de viabilização por meio de edital público, a escolha da personagem Maia como uma menina negra, o diálogo com a

ilustradora na construção visual do livro e a forma de publicação da obra. Além das perguntas previamente estruturadas, o público teve a oportunidade de interagir diretamente com a autora, trazendo suas próprias indagações e reflexões.

Encerrando o encontro, os participantes foram convidados a explorar livremente um acervo de livros temáticos sobre o tempo. Durante esse momento, o grupo “Histórias da Nana” realizou mediações das obras, ampliando a experiência de leitura e fomentando novas descobertas e interpretações sobre o tema abordado.

Dessa forma, a estrutura do encontro permitiu que o conceito de tempo fosse vivenciado de maneira ampla e profunda, combinando diferentes linguagens – música, poesia, narração, debate e leitura – para estimular a reflexão e a troca de experiências entre os participantes.

A terceira edição do Clube de Leitura demonstrou um avanço significativo na estruturação e na abordagem dos encontros, consolidando um formato que equilibra o lúdico, o educativo e o reflexivo. A escolha do tema “tempo” e sua articulação através de diferentes linguagens, como música, poesia e sonoplastia, ampliou as possibilidades de envolvimento do público, tornando o evento acessível e instigante para diferentes faixas etárias.

Para Sisto (2012),

Uma história, para o ouvinte, começa a nascer no impulso do olho. A força do olhar de quem conta vai saber logo, logo, se encontra eco na imaginação de quem ouve. Mas, quem conta é também quem aconchega, quem traz pra perto, quem respira junto e quem dialoga. (SISTO, 2012, p. 35).

A partir da citação, podemos destacar a relação interativa e afetiva entre contador/mediador e ouvinte no ato de narrar uma história. O trecho ressalta que a narrativa não é uma via de mão única; pelo contrário, ela nasce e ganha sentido no encontro entre quem conta e quem escuta. O olhar é descrito como um elemento essencial nesse processo, pois é por meio dele que se percebe o envolvimento do público, o que permite ao narrador ajustar sua abordagem para melhor alcançar a imaginação do ouvinte.

Além disso, ela enfatiza o papel do contador de histórias – aqui estamos compreendendo o mediador de leitura com o mesmo propósito que o contador de histórias - não apenas como transmissor de palavras, mas como alguém que cria um espaço de acolhimento e partilha. O narrador não apenas informa, mas também aproxima, estabelece

vínculos e compartilha emoções. A respiração conjunta mencionada sugere uma sintonia quase física, onde a escuta ativa e a presença genuína tornam a experiência mais intensa e significativa.

Dessa forma, a reflexão proposta por Sisto (2012) aponta para a dimensão relacional da oralidade e do contar histórias, evidenciando que narrar é mais do que falar; é um ato de conexão, de escuta e de construção conjunta do significado.

Um dos pontos fortes dessa edição foi a diversificação dos recursos utilizados para abordar o tema. A musicalidade, representada tanto na abertura quanto nas leituras, ofereceu uma dimensão sensorial que favoreceu a imersão dos participantes. A inclusão de um trava-língua e de uma poesia consagrada, como a de Vinícius de Moraes, agregou qualidade literária e promoveu um maior engajamento do público na reflexão sobre o tempo.

O bate-papo com a autora Juliana Costa também se destacou como um dos momentos mais enriquecedores do encontro. A possibilidade de discutir diretamente com a escritora aspectos do processo criativo e editorial do livro proporcionou uma experiência única de aprendizado, tornando a literatura mais próxima e acessível aos participantes. A ênfase na representatividade e na importância da identidade racial na construção da narrativa foi um diferencial que reforçou a relevância social do Clube.

De maneira geral, o terceiro encontro do Clube de Leitura se mostrou uma experiência bem-sucedida e enriquecedora, consolidando um modelo que equilibra reflexão, interação e aprendizado. “Os clubes de leitura se tornam, para além de um espaço de prazer e fruição, um projeto político de formação de leitores e leitoras” (DURAND; GERBOVIC, 2024, p. 39). Desta forma, o Clube de Leitura para as Infâncias cumpriu seu papel de ampliar as perspectivas dos participantes sobre o tempo e o reafirmou como um espaço de troca, descoberta e valorização da literatura enquanto um direito humano.

A experiência na pós-graduação O Livro para a Infância, especialmente a partir das provocações trazidas por Ananda Luz ao abordar as “presenças negras no livro para as infâncias”, despertou em mim um novo olhar. A cada planejamento de encontro, essa reflexão se intensifica: penso o corpo como território, e o livro, também, como território de representações e pertencimento.

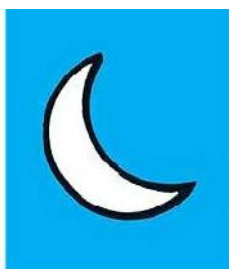
Por isso, tenho compreendido, com cada vez mais clareza, que, se outros mediadores não levam a presença do corpo negro para os livros que mediam, eu preciso assumir esse lugar. Preciso ser essa mulher negra que conduz essas histórias — para que

crianças negras possam se reconhecer e para que crianças não negras aprendam a valorizar e respeitar as diferenças.

3.4. Quarto encontro do Clube

No quarto encontro do Clube de Leitura, escolhemos apresentar o livro Dia de Lua, de Renato Moriconi, por se tratar de uma obra voltada para bebês e por sua recente premiação na Feira do Livro Infantil de Bolonha, um dos mais importantes reconhecimentos na literatura infantojuvenil. Em 2024, o livro foi o vencedor na nova categoria "Toddler" (bebês), destacando-se entre mais de 3 mil títulos inscritos de 65 países. Essa conquista reforça a qualidade e relevância da obra para o público da primeiríssima infância.

Imagem 16: Capa do livro Dia de Lua



Fonte: Arquivo pessoal

Dia de Lua narra a trajetória da Lua ao longo do dia, explorando diferentes cenários e interações com elementos do céu e da terra, como uma zebra, um pescador e um arco-íris. No entanto, durante o dia, a Lua passa despercebida, até que, em um desfecho surpreendente, consegue finalmente atrair todos os olhares. A narrativa poética e as ilustrações cuidadosamente elaboradas tornam a experiência sensorial e envolvente para bebês e seus acompanhantes.

Imagem 17: Cenário e elementos da mediação Dia de Lua



Fonte: Arquivo pessoal. Fotos de Mariane Palhares (2024)

A obra faz parte da coleção Literatura de Colo, da Jujuba Editora, e foi concebida para estimular a interação entre adultos e crianças a partir de 1 ano de idade. Além disso, Dia de Lua dialoga com outra obra do autor, Dia de Sol, criando uma conexão complementar entre os dois títulos. Um detalhe marcante da edição é a ausência do título e do nome da editora na capa, destacando apenas uma imagem da lua em um céu de verão, o que reforça a imersão visual e a experiência contemplativa proporcionada pelo livro.

Imagem 18: Sequência de imagens do desenvolvimento da mediação



Fonte: Arquivo pessoal. Fotos de Mariane Palhares (2024)

Imagem 19: Famílias em momento de mediação com os filhos em livre acesso ao acervo



Fonte: Arquivo pessoal. Fotos de Mariane Palhares (2024)

A escolha dessa obra para o Clube de Leitura também se alinha à programação da Semana Mundial do Brincar, promovida pela Aliança pela Infância. Essa iniciativa, realizada anualmente desde 2009, mobiliza voluntários, o poder público e diversos agentes sociais para ressaltar a importância do brincar na infância. Assim, ao integrar Dia de Lua à programação do Sesc Thermas de Presidente Prudente, buscamos proporcionar uma experiência literária significativa e sensível para os bebês e seus familiares, enriquecendo ainda mais a celebração do brincar e da literatura na primeira infância.

3.4.1. Dia de Lua

O quarto encontro do Clube de Leitura foi cuidadosamente estruturado para proporcionar uma experiência interativa e envolvente para os participantes, especialmente o público da primeiríssima infância. A programação incluiu elementos musicais, narrativos e sensoriais, garantindo um ambiente lúdico e educativo.

A abertura foi marcada pela apresentação musical “Watatá”, executada por Ana no triângulo e Giulia no pandeiro. Esse momento inicial preparou os participantes para a imersão na história, criando uma atmosfera acolhedora e instigante.

Antes da história, a atividade da “Caixa Misteriosa” despertou a curiosidade do público. Dentro dela, estavam a Lua e o Sol, elementos centrais da narrativa. As crianças

foram incentivadas a inferir o que havia dentro da caixa, e uma delas foi convidada a retirar os objetos e todos cantaram o refrão da música “O Sol e a Lua”, da banda *Pequeno Cidadão*. Esse momento trouxe uma introdução lúdica à temática do livro.

A mediação da leitura do livro *Dia de Lua*, de Renato Moriconi, começou com a observação da capa, instigando o público a notar a ausência do título na frente e revelando sua localização na lombada. Antes da leitura, a pergunta “O que faz a Lua durante o dia?” foi lançada para estimular reflexões e comentários das crianças. Em seguida, a história foi narrada com o auxílio da música “Noite e Dia”, do *Grupo Triii*, criando uma conexão entre texto e melodia.

A mediação da história envolveu a participação ativa das crianças, que representaram diferentes momentos da Lua ao longo do dia. Utilizando os elementos Sol e Lua, duas crianças foram escolhidas como ajudantes, segurando os objetos em momentos-chave da narrativa. Durante a contação, a Lua foi transformada em diversos elementos, como rede, vela de canoa, arco-íris, guarda-chuva, chifre, rabinho, bumerangue, paraquedas e vaso de flores, tornando a experiência interativa e visualmente estimulante.

O ápice da narrativa ocorreu quando a Lua foi posicionada na frente do Sol, formando um eclipse. Esse momento levou à leitura da frase “E chamou a atenção de todo mundo”, seguida por perguntas abertas ao público, incentivando a reflexão sobre os fenômenos celestes e a relação entre o Sol e a Lua.

Após essa primeira parte, foi introduzido outro livro do autor, *Dia de Sol*, como um complemento à temática explorada. A mediação dessa segunda obra envolveu brincadeiras com o Sol, onde as crianças imitaram o movimento das ondas, giraram o Sol como uma roda gigante, e o utilizaram para criar diferentes formas, como juba de leão e moicano. Por fim, o Sol foi guardado na caixa surpresa, simbolizando seu descanso ao fim do dia.

Encerrando a experiência, a música “Noite e Dia”, do *Grupo Triii*, foi cantada integralmente, reforçando a ideia do ciclo entre dia e noite e convidando os participantes a celebrarem a passagem do tempo.

O encontro finalizou-se com uma roda de conversa com pais e adultos, abordando a importância da leitura para bebês. Os temas discutidos incluíram a materialidade dos livros infantis e os gestos embrionários na leitura, explorando dimensões modais, relacionais, objetais e espaço-temporais. Esse momento proporcionou reflexões valiosas

sobre como a leitura pode ser uma experiência compartilhada e significativa para os bebês e suas famílias.

Dessa forma, o quarto encontro do Clube de Leitura proporcionou uma experiência rica e sensorial, combinando literatura, música e interatividade para estimular a imaginação e o vínculo entre crianças e adultos.

Durante a primeira infância, a criança começa a construir significados para o texto ao ouvir histórias, explorar o livro por meio do toque e interagir com um adulto leitor. Essas experiências sensoriais e afetivas contribuem para o desenvolvimento de sua trajetória leitora e para a formação de vínculos com a linguagem e a literatura.

Pois, de acordo com Girotto (2016)

[...] os pequenos e os pequeninhos usam, manuseiam, tocam, sentem, cheiram, brincam com os livros em sua materialidade gráfica ou via os suportes e dispositivos digitais; vão imitando os adultos; vão buscando significar os gestos relacionados ao ato de ler, aos modos de ser leitor, já desde pequeninhas, cristalizados neste objeto da cultura humana – o livro. (p. 37)

Girotto (2016) enfatiza a relação sensorial e interativa das crianças pequenas com o livro e com o ato de ler. Desde a primeira infância, os bebês e as crianças pequenas não apenas escutam histórias, mas também exploram os livros com todos os sentidos: tocam, cheiram, manuseiam e até brincam com eles, seja no formato físico ou digital. Esse contato direto é essencial para a construção do significado da leitura como prática cultural, pois a criança não nasce sabendo ler, mas aprende observando e imitando os gestos dos adultos leitores ao seu redor.

Essa perspectiva nos convida a refletir sobre a importância de proporcionar experiências ricas e diversificadas de leitura desde os primeiros anos de vida. O contato com livros não deve ser apenas um momento de aprendizado formal, mas uma vivência cotidiana, prazerosa e envolvente. Quando os pequenos veem adultos lendo, associam o livro a um objeto de valor e passam a incorporar a leitura em seu repertório cultural. Dessa forma, a leitura não é apenas um processo mecânico de decodificação de palavras, mas um ato social e afetivo que se constrói na interação com o outro e com o próprio objeto livro.

Diante disso, é fundamental que pais, cuidadores e educadores compreendam que a introdução dos bebês e crianças pequenas no universo da leitura vai além da palavra

escrita. O simples gesto de folhear um livro, explorar suas cores e texturas, ouvir uma história sendo narrada ou ver um adulto lendo são experiências que formam a base do hábito leitor. Essa construção simbólica da leitura desde a infância reforça a ideia de que ser leitor não é apenas saber decifrar palavras, mas fazer parte de uma cultura onde os livros são fonte de prazer, descoberta e imaginação.

Para planejar o Clube de Leitura deste mês, voltado para crianças da primeiríssima infância, fundamentamos nossas escolhas em estudos e teorias que nos ajudassem a compreender as especificidades dessa faixa etária. Entendemos que a mediação precisa dialogar com suas necessidades, respeitando seu ritmo próprio e seus interesses, que diferem dos das crianças mais velhas. Assim, cada detalhe foi cuidadosamente pensado para tornar a experiência significativa e envolvente para esse público.

Nesse contexto, reconhecemos a importância da oralidade e da interação na construção de vínculos entre quem narra e quem ouve. Como afirmam Souza e Girotto (2017, p. 141), há um poder na narratividade que une a mediação à escuta atenta, entrelaçando experiências, memórias, ética e estética, criando encantamento e magia. Dessa forma, buscamos não apenas apresentar histórias, mas proporcionar um espaço onde a leitura seja uma vivência sensorial e afetiva, promovendo conexão e envolvimento genuíno com os livros.

Conduzimos nossas práticas de mediação de leitura a partir das discussões sobre os gestos embrionários de leitura (MODESTO-SILVA, 2019), que englobam quatro dimensões fundamentais: modal, relacional, objetual e espaço-temporal. Essas dimensões são estruturadas para contribuir com a formação integral do pequeno leitor, considerando a seleção dos livros, a forma como serão apresentados e a preparação do ambiente de leitura, sempre levando em conta as particularidades das crianças na primeira infância.

A dimensão modal refere-se à diversidade de formas de apresentação das histórias, seja por meio da leitura em voz alta, da narração oral, da dramatização, do uso de músicas ou da integração de objetos. Essa variedade de recursos influencia diretamente a relação que a criança estabelece com a literatura, ampliando suas experiências e incentivando o envolvimento com os textos.

Já a dimensão relacional destaca a importância dos laços afetivos entre o mediador e as crianças. A interação durante as sessões de leitura deve ser baseada na confiança e na troca de afetividades por meio da literatura, pois essas relações impactam significativamente o desenvolvimento social e emocional dos pequenos leitores.

Na dimensão objetal, o mediador desempenha o papel de facilitador, proporcionando às crianças o acesso a diferentes tipos de livros, com variados formatos e materiais. Essa diversidade favorece o contato direto com o objeto livro, estimulando o interesse pela leitura e fortalecendo o vínculo entre a criança e a literatura.

Por fim, a dimensão espaço-temporal evidencia a importância do ambiente onde ocorre a mediação da leitura. O planejamento do espaço deve ser cuidadosamente pensado pelo professor ou mediador, pois a organização do ambiente influencia diretamente o processo de formação literária dos leitores e ouvintes. Além disso, é essencial considerar as especificidades da leitura com crianças pequenas, garantindo um cenário propício para a experiência literária (MODESTO-SILVA, 2019).

O Clube de Leitura para as infâncias, nesse mês especialmente pensado para os bebês, foi uma experiência enriquecedora que possibilitou a imersão dos pequenos no universo literário de maneira sensorial e afetiva. A mediação foi cuidadosamente planejada para atender às especificidades da primeiríssima infância, respeitando seu ritmo e suas formas de interação com o livro. No entanto, a proposta não se restringiu apenas aos bebês, pois também acolheu crianças maiores e suas famílias, proporcionando um momento de compartilhamento entre diferentes gerações. Dessa forma, a leitura se tornou uma vivência coletiva, reforçando a importância dos laços familiares no desenvolvimento do hábito leitor.

Além de oferecer um ambiente acolhedor e interativo para os bebês, o Clube de Leitura permitiu que crianças de outras idades e seus familiares participassem ativamente, ampliando a experiência de mediação literária. A diversidade de recursos utilizados, como músicas, brincadeiras e exploração tátil dos livros, contribuiu para que todos se envolvessem e interagissem com as histórias de maneira significativa. Assim, o encontro reafirmou a leitura como um ato social e inclusivo, demonstrando que a literatura pode ser um elo entre diferentes faixas etárias, promovendo encantamento, aprendizado e conexões afetivas duradouras.

3.5. Quinto encontro do Clube

O quinto encontro do Clube de Leitura para as Infâncias foi conduzido a partir da delicada e premiada obra *A Avó Amarela*, de Júlia Medeiros e Elisa Carareto. A escolha do livro foi fruto de um processo cuidadoso de curadoria realizado em 2023, quando as primeiras discussões e planejamentos do Clube começaram a tomar forma. Entre diversas

opções selecionadas, a programadora optou por essa obra não apenas por sua sensibilidade narrativa, mas também pelo reconhecimento que recebeu no cenário literário. *A Avó Amarela* acumula importantes premiações, como a seleção para o *Catálogo de Bologna 2019*, a inclusão nos *30 Melhores Livros da Revista Crescer 2019* e o *Prêmio Jabuti - Livro Infantil 2019*, além de ter sido destacado pela FNLIJ em diferentes categorias e receber o prestigiado selo *White Ravens 2019*. Com sua escrita poética e ilustrações marcantes, o livro trouxe ao Clube um universo afetivo e profundo, despertando reflexões sobre memória, afeto e identidade, enriquecendo ainda mais a experiência dos pequenos leitores e suas famílias.

Imagem 20: Capa do livro *A avó amarela*



Fonte: Arquivo pessoal

A escolha do livro também se fundamentou na forma como sua narrativa convida à interpretação e à escuta ativa dos leitores. Segundo Bajour (2012, p. 51), “a seleção dos textos se torna crucial para definir o “que” e o “como” dos encontros com os leitores”, sendo a escolha de textos abertos e desafiadores essencial para estimular perguntas, imagens, gestos e reflexões. *A Avó Amarela* é uma obra repleta de silêncios, ora preenchidos pelas ilustrações de Elisa Carareto, ora deixados para que o leitor os preencha com seus próprios conhecimentos e experiências. Assim, o livro se tornou um excelente recurso para provocar inferências e conexões pessoais, permitindo que cada criança construísse seus próprios significados a partir da história.

Imagem 21: Escuta aos ouvintes



Fonte: Arquivo pessoal

Bajour (2012, p. 39) reforça a importância dessa escuta ativa ao afirmar que “além de aprender a escutar os silêncios dos textos e colocá-los em jogo nas experiências de leitura, os mediadores podem aguçar o ouvido aos modos particulares que os leitores têm de se expressar e de fazer hipóteses sobre seus achados artísticos”. No Clube de Leitura, essa escuta foi incentivada por meio de perguntas e reflexões que levaram as crianças a se envolverem mais profundamente com a história. Afinal, como destacam Giroto e Souza (2010, p. 57), “pedir para as crianças visualizarem, fazerem conexões e contarem o imaginado-pensado-refletido durante a leitura, leva-as a um aumento de interesse e envolvimento”.

A leitura compartilhada também possibilitou um espaço de diálogo e troca entre crianças e mediadores, valorizando os gestos, expressões e silêncios como parte fundamental da experiência literária. Bajour (2012, p. 43) afirma que “em experiências de leitura compartilhada, os mediadores que aprendem a ouvir nas entrelinhas constroem pontes e acreditam que as vozes, os gestos e os silêncios dos leitores merecem ser escutados”. Dessa maneira, o encontro não apenas apresentou um texto literário, mas criou um ambiente de escuta e troca, onde a subjetividade de cada leitor foi respeitada e incentivada.

Imagem 22: Composição do cenário



Fonte: Arquivo pessoal.

O cenário para mediação foi composto por uma mesinha contendo um retrato com a foto da minha avó Dona Berenice, canequinhas de alumínio, flores, um copo americano com água e dentro dele uma bala/gelatina em formato de dentadura, toalhinha de renda e tapetinho de crochê.

Outro ponto central na mediação desse encontro foi a ativação dos conhecimentos prévios dos leitores. Girotto e Souza (2010, p. 67) ressaltam que “fazer conexões com as experiências pessoais facilita o entendimento. As vivências e conhecimentos prévios dos leitores abastecem as conexões que fazem [...]”. Assim, ao longo da leitura, foram propostas estratégias para que as crianças pudessem relacionar a história com suas próprias experiências, fortalecendo sua compreensão e identificação com o texto. A obra, ao tratar da relação afetiva entre avó e neta, despertou emoções e lembranças nos pequenos leitores, tornando a leitura ainda mais significativa.

A preparação desse encontro também considerou os diferentes modos de mediação possíveis. Segundo Bajour (2012, p. 60), “pensar nos textos com antecedência é imaginar perguntas, modos de apresentar e adentrar os livros, estratégias de leitura e também de escrita ficcional, possíveis pontes entre o texto proposto e outros etc.”. Dessa forma, a mediação de *A Avó Amarela* não se limitou à leitura do texto, mas incorporou recursos visuais, gestuais e sonoros que enriqueceram a experiência, tornando-a mais dinâmica e interativa.

Imagem 23: Entrega do selo do mês



Fonte: arquivo pessoal

Por fim, a experiência proporcionada pelo quinto encontro do Clube de Leitura reafirmou a importância de pensar a literatura infantil como um espaço de encontro, escuta e construção de sentidos. Como concluem Girotto e Souza (2010, p. 75), “[...] fazemos inferências em nosso cotidiano mais do que imaginamos, como por exemplo, sobre expressões faciais, linguagem corporal e tom de voz, assim como sobre informações visuais e ‘não visuais’ de um texto”. Dessa forma, *A Avó Amarela* não apenas encantou os leitores, mas também serviu como um instrumento potente para estimular a imaginação, a empatia e a capacidade de interpretar o mundo por meio da literatura.

3.5.1. A avó amarela

O quinto encontro do Clube de Leitura para as Infâncias trouxe um momento especial de afeto e memórias com a leitura do livro *A Avó Amarela*, de Júlia Medeiros. A mediação foi cuidadosamente planejada para envolver os participantes em uma experiência sensorial e interativa, despertando recordações e valorizando as relações com as avós. O encontro começou com a apresentação musical “Watatá”, executada por Ana no triângulo e Giulia no pandeiro. Essa introdução musical proporcionou um ambiente acolhedor e preparou o público para a imersão na temática da leitura.

Antes da história, iniciou-se um bate-papo descontraído para aproximar as crianças do tema. Perguntas como “Quem aqui tem avó?”, “Como ela se chama?” e “Quantas avós vocês têm?” incentivaram os pequenos a compartilharem histórias e fortalecerem sua conexão com a narrativa. Para reforçar esse momento, foi cantada a

música *Avó, Avô*, do *Grupo Taquitá*, que de forma lúdica e rítmica ajudou a explorar a *Avó amarela* e o papel das avós e avôs na vida das crianças.

Durante a história, a mediação foi enriquecida com elementos cênicos e sonoros. O livro foi apresentado com uma proferição cuidadosa, acompanhada de uma sonoplastia, criando uma atmosfera envolvente. O cenário montado com uma mesinha de toalha rendada, uma fotografia da avó, um copo com dentadura e um pequeno galo trouxe um aspecto visual que auxiliou na imersão na história. A cena do galo foi representada com gestos, incentivando as crianças a baterem os braços em formato de asas, tornando a experiência mais interativa e divertida.

Após a leitura, a música *Avó, Avô* foi retomada, convidando todos a cantarem juntos e reforçando o vínculo afetivo com a temática. Em seguida, ocorreu um momento de mediação de leitura com outros livros que abordam a relação com as avós e as memórias familiares. Durante essa etapa, as crianças puderam explorar diferentes obras, compartilhar impressões e relacionar as histórias com suas próprias vivências.

O encontro se encerrou com trocas afetuosas e reflexões, evidenciando a importância das narrativas na construção da identidade e na preservação das memórias. A leitura de *A Avó Amarela* proporcionou um espaço de escuta, conexão e acolhimento, reafirmando o papel fundamental da literatura infantil na valorização das relações intergeracionais.

O quinto encontro do Clube de Leitura para as Infâncias consolidou uma abordagem sensível e imersiva, reafirmando o compromisso da mediação literária com a construção de experiências significativas para as crianças. A escolha de *A Avó Amarela* demonstrou um acerto tanto pelo seu potencial narrativo quanto pelo diálogo que estabeleceu com as memórias afetivas dos participantes. O planejamento cuidadoso, aliado ao uso de múltiplos recursos – como música, sonoplastia e elementos cênicos – ampliou as possibilidades de engajamento e compreensão do texto pelas crianças, evidenciando a importância da materialidade do livro e da oralidade na formação leitora.

Ao longo dos encontros do Clube, percebe-se um amadurecimento na forma como as mediações foram estruturadas, sempre buscando equilibrar ludicidade, interação e aprofundamento literário. Desde os primeiros encontros, a proposta se mostrou bem-sucedida ao integrar diferentes linguagens e estratégias que respeitam as especificidades da infância. A escuta ativa das crianças, a valorização de suas expressões e a conexão entre literatura e experiência pessoal têm sido aspectos essenciais para o fortalecimento da relação das crianças com os livros.

A construção desse espaço de leitura compartilhada também evidencia o papel do mediador como facilitador do diálogo entre o texto e o leitor, promovendo um ambiente seguro para interpretações individuais e coletivas. A diversidade de obras apresentadas ao longo dos encontros reforça a importância da seleção criteriosa de livros, garantindo textos que despertem questionamentos, encantamento e novas descobertas.

Dessa maneira, o Clube de Leitura para as Infâncias tem se firmado como um espaço fundamental para o desenvolvimento do gosto pela leitura, estimulando não apenas o contato com os livros, mas também a construção de vínculos afetivos por meio da literatura. O quinto encontro, em especial, destacou-se por sua capacidade de unir memória, afeto e participação ativa, demonstrando como a leitura pode ser um instrumento poderoso para o fortalecimento das relações intergeracionais e a preservação das histórias que compõem a identidade de cada leitor.

3.6. Sexto encontro do Clube

O sexto encontro do Clube de Leitura para as Infâncias, ocorrido no mês de julho, foi uma oportunidade singular para refletir sobre a história e a ancestralidade por meio da leitura do livro *Os dengos na moringa de Voinha* (2023), de Ana Fátima, com ilustrações de Fernanda Rodrigues. A escolha dessa obra, que narra as memórias e afetos de uma menina através da relação com um objeto simbólico – a moringa da avó –, permitiu uma discussão profunda sobre a construção de memórias, identidade e pertencimento.

Imagem 24: Capa do livro *Os dengos na moringa de voinha*



Fonte: Arquivo pessoal.

A história apresentada por Fátima (2023) é um testemunho da força da ancestralidade na formação das subjetividades. Como observa Mayer (2022, p. 214), “com o livro em mãos, dedos e olhos percorrem as linhas, movem as folhas para frente

ou para trás e, nesse gesto, recorda-se ou avança-se na história, na vida. Constrói-se um trajeto pessoal”. A moringa de Voinha não é apenas um objeto; ela atua como guardiã das histórias familiares e da conexão entre as gerações, permitindo que a protagonista, ao observá-la, percorra mentalmente um caminho de lembranças e experiências vividas com seus entes queridos.

Imagem 25: Introdução Os dengos na moringa de Voinha



Fonte: Arquivo pessoal.

A leitura desse livro no contexto do Clube de Leitura também proporciona uma experiência de mediação literária que valoriza a hospitalidade e o acolhimento, como afirma Mayer (2022, p. 224): “É a mediação de leitura, o acolhimento, a hospitalidade que garantem a porta destravada para quem chega, a construção da proximidade entre pessoas e entre pessoas e livros, proporcionando experiências literárias”. Dessa forma, a leitura de *Os dengos na moringa de Voinha* permitiu que as crianças participantes acessassem um universo de vivências marcadas por afeto, cultura e pertencimento, desafiando a hegemonia de uma “história única” (ADICHIE, 2019, p. 23).

Chimamanda Adichie (2019) problematiza a construção de narrativas dominantes ao afirmar que “o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (p. 23). No contexto da leitura literária para as infâncias, essa questão se torna ainda mais relevante, pois a literatura tem o potencial de ampliar perspectivas e ressignificar identidades. A história de Voinha não é uma história isolada, mas sim uma de muitas histórias que precisam ser contadas para garantir a diversidade de vozes e experiências. Como Adichie (2019, p. 33) destaca,

“quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso”.

Imagem 26: Aquecimento do público – palavras de origem africana



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa perspectiva é essencial quando se pensa na literatura para a infância, pois, como Mayer (2022, p. 229) observa, “nas relações desiguais de poder, o sonho também é distribuído de forma desigual”. Ao trazer para o centro da discussão histórias que celebram a ancestralidade e a identidade cultural, o Clube de Leitura para as Infâncias contribui para a democratização do acesso a narrativas que desafiam estruturas excludentes e promovem uma educação literária mais plural.

Adichie (2019, p. 27) adverte que “a consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum”. Assim, a leitura de *Os dengos na moringa de Voinha* no sexto encontro do clube de leitura teve um papel crucial ao abrir espaço para o reconhecimento das múltiplas histórias que compõem a diversidade cultural, valorizando a ancestralidade como parte integrante da formação identitária das crianças.

Imagem 27: Finalização *Os dengos na moringa de Voinha*



Fonte: Arquivo pessoal

Portanto, ao proporcionar o contato com histórias que resgatam memórias afetivas e reafirmam a importância das heranças culturais, o Clube de Leitura atua como um espaço de resistência e empoderamento. Como Adichie (2019, p. 32) ressalta, “as histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também para empoderar e humanizar”. Dessa maneira, *Os dengos na moringa de Voinha* revelou-se uma escolha fundamental para um encontro que celebrou não apenas o Dia dos Avós, mas também a riqueza e a diversidade das memórias que atravessam gerações.

3.6.1. Os dengos na moringa de Voinha

O sexto encontro do Clube de Leitura para as Infâncias ocorreu em julho, mês que celebra o Dia dos Avós, e foi cuidadosamente planejado para proporcionar uma experiência sensorial e afetiva em torno da ancestralidade e da memória. A leitura do livro *Os dengos na moringa de Voinha* (2023), de Ana Fátima, com ilustrações de Fernanda Rodrigues, foi o ponto central do evento, conduzindo as crianças por um percurso repleto de afetos, histórias e tradição.

O encontro começou com um aquecimento animado ao som do coco de roda, preparando os participantes para a temática do dia. Perguntas introdutórias foram feitas para estimular a reflexão sobre ancestralidade, afeto e memória. Em seguida, um repente inspirado na história do livro foi apresentado, destacando a importância das lembranças e do amor familiar.

A abertura foi marcada pela performance da canção *Watatá*, acompanhada por instrumentos como triângulo e pandeiro, criando um clima de imersão na oralidade e nas sonoridades tradicionais.

Antes da leitura, os participantes foram convidados a interagir com palavras de origem banto, quimbundo e quicongo, lidas e contextualizadas ao som da canção *Passa Peneira*. Termos como *malungo*, *dengo*, *cafuné* e *moringa* foram apresentados, enfatizando a riqueza linguística e a ancestralidade presente no vocabulário cotidiano.

Durante a leitura do livro, efeitos sonoros foram utilizados para intensificar a experiência, criando uma atmosfera sensorial. O pau de chuva, a kalimba, o chocalho indígena, o pandeiro e o berimbau trouxeram camadas sonoras que enfatizaram emoções e momentos-chave da narrativa.

Após a leitura, as crianças foram convidadas a conhecer mais sobre a autora Ana Fátima e a ilustradora Fernanda Rodrigues, compreendendo suas trajetórias e motivações para criar a obra. Foi destacada a importância da moringa como um símbolo de memória e preservação cultural, reforçando a ideia de que nossas histórias e laços familiares nos mantêm conectados ao passado.

O encontro finalizou com uma roda de coco, celebrando a ancestralidade afro-indígena por meio da música e da dança. Canções tradicionais como *Dona Mariquinha* e *O Trem Maluco* foram entoadas, permitindo que as crianças experimentassem a cultura popular de forma lúdica e coletiva.

Ao final, os participantes foram convidados a explorar um acervo de livros afrocentrados, incentivando a continuidade das reflexões sobre identidade, história e ancestralidade através da literatura.

O sexto encontro do Clube de Leitura para as Infâncias foi um momento significativo de aprendizado e celebração, proporcionando às crianças uma vivência rica em cultura, memória e afeto, fortalecendo os laços entre passado, presente e futuro.

O sexto encontro do Clube de Leitura para as Infâncias demonstrou como a literatura pode ser uma ponte entre memória e identidade, permitindo que as crianças se reconheçam nas histórias e resgatem suas próprias raízes culturais. A abordagem sensorial e interativa reforçou a importância do contato direto com as expressões culturais afro-brasileiras e indígenas, promovendo um aprendizado significativo.

A experiência do Clube até este momento tem sido marcada pela construção de um espaço de acolhimento e troca, onde a oralidade, a música e os afetos se encontram para formar laços duradouros entre os participantes. Cada encontro reafirma o

compromisso de valorizar narrativas que celebram a diversidade e fortalecem a identidade das crianças.

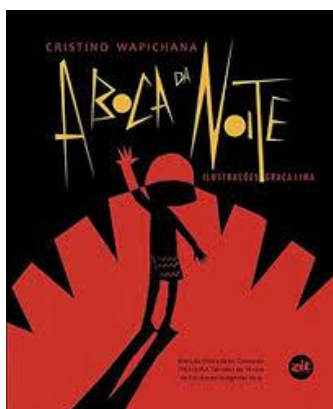
O sucesso do Clube de Leitura reforça a importância de continuar ampliando o repertório literário e cultural oferecido, garantindo que as suas próximas edições sigam promovendo experiências enriquecedoras e transformadoras para as infâncias.

3.7. Sétimo encontro do Clube

O sétimo encontro do Clube de Leitura para as Infâncias foi especialmente marcante. Em agosto de 2024, tivemos a honra de receber presencialmente o renomado autor Cristino Wapichana, cuja obra *A Boca da Noite* com ilustrações de Graça Lima, foi o livro escolhido para aquele mês. Desde o primeiro contato, estabelecido pela programadora do evento, senti uma conexão genuína com Cristino. Ele se mostrou extremamente solícito, compartilhando materiais elaborados por ele para que eu pudesse me preparar melhor para mediar uma leitura de autoria indígena e aprofundar meu conhecimento sobre a cultura Wapichana.

Agosto é um mês especial no Sesc, que promove uma programação dedicada às culturas indígenas, o “Agosto Indígena”, realizado em diversas unidades do estado. Dentro dessa programação, além da mediação de leitura que realizamos juntos, Cristino também ministrou a palestra “Tem Literatura Indígena na Escola!”, voltada para professores.

Imagem 28: Capa do livro A boca da noite



Fonte: Arquivo pessoal

Sendo mediadora de leitura no Clube e também professora da rede municipal de educação, aproveitei a oportunidade para trabalhar a cultura Wapichana com minha turma de 3º ano. Durante as aulas, apresentei e mediei a leitura de algumas obras de Cristino Wapichana, alinhando o trabalho com o gênero textual carta. Assim, as crianças da Escola Municipal Cel. José Soares Marcondes escreveram cartas para o autor, com perguntas criativas sobre o processo de escrita de *A Boca da Noite* e sobre a cultura Wapichana. Algumas dessas questões foram incorporadas ao bate-papo com Cristino durante sua participação no Clube de Leitura. As crianças também foram convidadas a comparecer ao encontro para conhecê-lo pessoalmente e entregar suas cartas em mãos.

No dia do evento, a chuva intensa fez com que a atividade fosse transferida para outro espaço do Sesc, impactando o público presente. No entanto, isso não diminuiu a importância daquele momento, que se tornou uma edição memorável.

Durante sua palestra, realizada na quinta-feira anterior ao Clube, Cristino trouxe reflexões profundas sobre a literatura indígena. Ele destacou que esse é um campo relativamente novo, cujo termo surgiu na década de 1970. Em 1982, Olívio Jekupé começa a se destacar e, em 1994, Kaká Werá lança “Todas as Vezes que Dizemos Adeus”, o primeiro livro publicado por um autor indígena. No ano de 2024, completaram-se 30 anos desde essa publicação pioneira. Em 1996, Daniel Munduruku conquistou o prêmio Jabuti com “Coisas de Índio”, acumulando desde então duas premiações. Até hoje, apenas quatro livros de autoria indígena receberam esse prêmio, entre eles *A Boca da Noite* e “Vozes Ancestrais”, de Daniel Munduruku, ambos vencedores em 2017.

Imagem 29: Mediação de leitura com Histórias da Nana e Cristino Wapichana



Fonte: Fotos Mariane Palhares, 2024.

Outro marco importante foi o concurso Tamoios, que revolucionou a premiação de autores indígenas. No Brasil, prêmios como o FNLIJ (voltado à literatura infantil) têm desempenhado um papel fundamental na valorização dessas produções. Inicialmente, escritores indígenas eram reconhecidos apenas na categoria reconto, mas, ao longo dos anos, o cenário vem mudando. *A Boca da Noite* recebeu o selo de “Altamente Recomendável” e, em 2018, sua versão sueca concorreu ao prêmio Peter Pan.

Em 2003, durante um encontro de escritores indígenas, havia apenas sete livros publicados e sete autores representando essa literatura. Em 2024, esse número cresceu significativamente, com 160 autores indígenas representando 40 povos. Isso significa 40 possibilidades de conhecermos as culturas dos diferentes povos indígenas do Brasil.

Cristino também abordou questões históricas e sociais que contribuem para a invisibilização dos povos indígenas na sociedade brasileira. Ele questionou: por que somos invisíveis? Historicamente, desde a chegada dos portugueses, os indígenas foram retratados como selvagens e sem alma. Muitas violências foram cometidas, como no episódio em que sua bisavó, ainda criança, foi “pega a laço” enquanto tentava fugir. A distância entre os povos indígenas e a sociedade brasileira é um reflexo de um processo de apagamento histórico e cultural.

De acordo com Trudruá Dorrico (2023),

Por conta da política da integração, que perdurou de 1910 até 1988, a premissa de que arte, literatura e autor não existiam em nossas culturas, tal como no modo ocidental, tornou-se uma barreira para que nós pudéssemos acessar o mercado editorial e cultural brasileiro. A limitação e a implicação racista que isso projetava sobre nossas atuações ignorava, e ainda ignora, o atravessamento de todas as matrizes coloniais de poder [...] (p. 30).

Trudruá Dorrico evidencia os impactos da política de integração sobre as expressões artísticas e literárias dos povos indígenas no Brasil. Ao afirmar que a ideia de que “arte, literatura e autor não existiam” nas culturas indígenas serviu como uma barreira de acesso ao mercado editorial e cultural, a autora denuncia um processo de apagamento sistemático dessas produções. Esse silenciamento reflete um viés eurocêntrico que desconsidera a diversidade de formas narrativas, orais e simbólicas existentes nas culturas originárias.

Imagem 30: Entrega das cartas dos alunos do 3º ano para Cristino Wapichana



Fonte: Fotos Mariane Palhares, 2024.

Além disso, Dorrico (2023) aponta que essa limitação não foi apenas histórica, mas continua operando no presente, uma vez que o racismo estrutural persiste na desvalorização e marginalização da literatura indígena no cenário nacional. O conceito de “atravessamento de todas as matrizes coloniais de poder” sugere que o colonialismo não apenas impôs modelos ocidentais como padrão, mas também perpetuou desigualdades que restringem o reconhecimento e a circulação das vozes indígenas na esfera cultural.

Ailton Krenak (2022) nos propõe um desafio “imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação” (p. 32). Isso nos desafia a pensar em uma sociedade onde múltiplas narrativas possam coexistir sem que uma anule ou entre em conflito com a outra. A ideia de “imaginar cartografias” e “camadas de mundos” sugere a necessidade de reconhecer a diversidade de perspectivas, especialmente no que diz respeito às histórias de origens, que muitas vezes são apresentadas sob um viés único e dominante.

Imagem 31: Após a história dança Po Hamék



Fonte: Mariane Palhares, 2024.

No contexto indígena, essa proposta ganha ainda mais força, pois as narrativas ocidentais frequentemente impõem uma versão linear e hegemônica da história, apagando ou subalternizando outras formas de conhecimento e existência. Ao propor uma pluralidade de narrativas, Krenak questiona esse modelo e convida a uma reflexão sobre como podemos construir um mundo onde diferentes visões do passado, do presente e do futuro possam coexistir de maneira harmônica.

Esse pensamento se alinha a uma crítica ao colonialismo, que historicamente impôs uma única perspectiva como verdadeira, desconsiderando outros saberes e cosmologias. Assim, Krenak nos convida a abandonar a ideia de uma única verdade e a valorizar a diversidade de histórias e modos de estar no mundo.

Dessa forma, podemos refletir sobre a necessidade de romper com paradigmas excludentes e ampliar a valorização da produção literária indígena, reconhecendo-a não como uma adaptação ao modelo ocidental, mas como uma manifestação legítima e autônoma de conhecimento e arte.

Ao longo da palestra de Cristino Wapichana, ressaltou a importância das histórias na transmissão do conhecimento e da identidade cultural. Cada povo tem suas próprias narrativas sobre a origem do mundo e a criação das coisas. “Os avós não mentem. O sol e a lua moravam aqui”, afirmou, destacando a crença na veracidade dessas histórias dentro das comunidades indígenas. Ele citou Bartolomeu Campos de Queirós, que dizia escrever “coisas pequenas, histórias que vivi e estou passando para as crianças”. A literatura tem

essa função essencial: a partir do momento em que uma história é contada, ela passa a fazer parte de nós. “Vamos defender as histórias que conhecemos!”, incentivou Cristino.

Imagem 32: Histórias da Nana e Cristino Wapichana



Fonte: Foto Mariane Palhares, 2024.

Ao final da palestra, ele reforçou a importância de conhecer e valorizar escritores indígenas. Hoje, materiais como o guia de orientação do currículo da cidade de São Paulo, escrito pelo próprio Cristino Wapichana, auxiliam professores a trabalhar essa temática em sala de aula. Apesar de avanços, ainda há desafios: até a Constituição de 1988, os indígenas não eram considerados cidadãos brasileiros, e somente com a Lei n. 11.645/08² tornou-se obrigatório o ensino da História e Cultura dos Povos Indígenas Brasileiros nas escolas.

Esse encontro reforçou a importância de promover e divulgar a literatura indígena, garantindo espaço para que essas vozes ancestrais sejam ouvidas e respeitadas. As histórias precisam cumprir o seu papel, e cabe a nós, leitores, educadores e mediadores, garantir que elas continuem a ser contadas.

O livro *A boca na noite* traz algumas reflexões como por exemplo: o que será que acontece quando o sol mergulha no rio? Ele toma banho antes de dormir? E depois, passa a noite repousando dentro do próprio rio? Essas são algumas das perguntas curiosas que instigam os irmãos Dum e Kupai a embarcarem em uma aventura cheia de mistérios e encantamento.

² A Lei 11.645/08 do ano de 2008, modificou a Lei 10.639/2003 que já havia alterado a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDBN 9.394/96), acrescentando como obrigatório além do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, a obrigatoriedade também do ensino da História e Cultura dos Povos Indígenas Brasileiros.

Em *A Boca da Noite*, Cristino Wapichana nos conduz por uma jornada sensível e poética, entrelaçando a curiosidade infantil com a riqueza das tradições indígenas. A narrativa se desenvolve com lirismo e delicadeza, apresentando o imaginário Wapichana através das explorações dos protagonistas. Movidos pelo desejo de desvendar os segredos do anoitecer, Dum e Kupai desafiam seus medos e sobem a temida Laje do Trovão, um lugar perigoso e enigmático para a aldeia.

A escrita fluida e envolvente de Wapichana transporta o leitor para o universo da oralidade indígena, valorizando a forma como as histórias são transmitidas entre gerações. A relação com a natureza e os elementos do mundo se tornam parte essencial do enredo, reforçando a perspectiva indígena sobre a interação humana com o meio ambiente.

O livro também se destaca pelo projeto gráfico e ilustrações, que complementam e enriquecem a experiência leitora, tornando-a ainda mais imersiva.

A Boca da Noite é uma leitura recomendada para crianças, educadores e qualquer leitor que deseje se encantar com a magia das narrativas indígenas. Uma obra que desperta a curiosidade, amplia horizontes e valoriza a diversidade cultural brasileira.

3.7.1. A boca da noite

O 7º Encontro do Clube de Leitura foi cuidadosamente planejado para proporcionar uma experiência imersiva e enriquecedora aos participantes, promovendo o contato com a literatura e a cultura indígena.

Para criar uma atmosfera acolhedora e alinhada com a temática do encontro, as mediadoras vestiram figurinos em tons terrosos e utilizaram colares e brincos indígenas. Essa escolha visual buscou reforçar o respeito e a valorização das tradições indígenas, contribuindo para a imersão do público na experiência literária.

O Clube teve início com a música de chamada “Watatá”, em que foram apresentadas as mediadoras do grupo “Histórias da Nana”, promovendo um primeiro contato com a literatura oral e despertando o interesse dos participantes.

Para preparar os ouvintes para a narrativa principal, foi reproduzida uma música indígena do Povo Guarani. Essa escolha buscou criar um ambiente sensorial e conectar os participantes às sonoridades das culturas originárias.

A leitura em voz alta da obra foi conduzida com pausas estratégicas para interação com o público, incentivando perguntas e reflexões. Além disso, a leitura dialogada entre “Histórias da Nana” e Cristino Wapichana ampliou a compreensão da narrativa, criando pontes entre diferentes formas de narrar as histórias. Para enriquecer a experiência, instrumentos como pau de chuva, maraca, kalimba, chocalho e trovão foram utilizados para a sonoplastia, proporcionando um aspecto sensorial à leitura e trazendo sons que remetem à natureza e à cultura indígena.

A transição para o bate-papo foi conduzida com uma música indígena do Povo Krenak, criando um momento de reflexão e continuidade para o próximo segmento do evento.

O momento mais esperado do encontro foi o bate-papo com Cristino Wapichana. A interação teve duração de 30 minutos e seguiu um roteiro guiado por perguntas elaboradas pelas crianças do 3º ano da E.M. Cel. José Soares Marcondes.

As perguntas abordaram aspectos do processo criativo do autor, como o tempo de escrita do livro e a origem da história, além de temas específicos, como a cultura Wapichana, a parceria com a ilustradora Graça Lima e a importância dos sonhos na tradição indígena. As crianças também demonstraram curiosidade sobre a continuidade da história de “A Boca da Noite” e sobre futuros projetos do autor. Durante esse momento, foram entregues cartas escritas pelas crianças especialmente para Cristino Wapichana, fortalecendo o vínculo entre leitor e escritor.

O encontro se encerrou com a mediação de leituras do acervo “Histórias da Nana”, focando em obras de autoria e temática indígena. Esse momento foi fundamental para ampliar a discussão sobre a diversidade de narrativas indígenas e reforçar a importância de valorizar essas vozes dentro do universo literário.

O 7º Encontro do Clube de Leitura foi, assim, um espaço de aprendizado e troca, que proporcionou aos participantes um contato significativo com a literatura indígena e seus autores, promovendo reflexões sobre diversidade cultural, oralidade e pertencimento.

O 7º Encontro do Clube de Leitura para as Infâncias foi uma experiência transformadora, destacando-se como um momento de imersão na literatura e na cultura indígena. A presença de Cristino Wapichana, autor de *A Boca da Noite*, proporcionou uma vivência autêntica aos participantes, enriquecendo o evento com reflexões sobre a importância da literatura indígena no contexto educacional. A interação com as crianças, que previamente prepararam perguntas e cartas para o autor, fortaleceu a conexão entre

leitor e escritor, promovendo uma aprendizagem significativa que vai além da sala de aula.

O evento também foi marcado pela reflexão sobre a história da literatura indígena e os desafios enfrentados pelos escritores desse segmento. A palestra de Wapichana trouxe dados importantes sobre a evolução da presença indígena no mercado editorial e as barreiras impostas por um histórico de apagamento cultural. O reconhecimento de obras como *A Boca da Noite* e as premiações concedidas a autores indígenas reforçam a necessidade de valorizar e divulgar essas produções. Dessa forma, o Clube de Leitura cumpriu um papel essencial ao criar um espaço de escuta e aprendizado sobre narrativas que muitas vezes permanecem à margem do circuito literário tradicional.

Por fim, a experiência proporcionada pelo Clube de Leitura reafirma a literatura como um meio poderoso de fortalecimento da identidade cultural e do pertencimento. Ao estimular a leitura de obras indígenas e o contato direto com seus autores, eventos como este ampliam horizontes e incentivam a formação de leitores críticos e conscientes da diversidade cultural brasileira. A troca entre as crianças, as mediadoras e Cristino Wapichana demonstrou que a literatura vai além do entretenimento: ela tem um papel social, educativo e transformador, essencial para uma sociedade mais inclusiva e plural.

3.8. Oitavo encontro do Clube

No oitavo encontro do Clube de Leitura para as Infâncias, selecionamos a obra *Doçura*, de Emília Nuñez e Anna Cunha. A escolha se deu tanto pelo reconhecimento da autora, vencedora do prêmio Jabuti na categoria infantil em 2023, quanto por sua conexão pessoal com a mediadora do encontro, sendo colega no curso de pós-graduação “O Livro para a Infância”. Trata-se de um livro-imagem ilustrado por Anna Cunha, que celebra a leitura em família, o papel das mulheres e das professoras, enfatizando a importância da formação leitora na infância.

Dentro do Clube, buscamos a bibliodiversidade de editoras, autores, temáticas e materialidades das obras. Escolher um livro-imagem foi um desafio, pois muitos mediadores enfrentam dificuldades para realizar mediações com esse tipo de obra, que não apresenta texto verbal, mas sim uma narrativa visual. Assim, optamos por uma mediação diferenciada, mais sensorial, estruturada no formato de instalação, preparando os participantes para entrar na obra de forma significativa.

Segundo Girotto e Souza (2010), para haver compreensão leitora, é essencial que o mediador planeje estratégias que envolvam conhecimentos prévios, conexões entre textos e experiências pessoais, inferências e visualização. Bons leitores ativam seus conhecimentos prévios, inferem o tema a partir de pistas na narrativa visual e questionam as escolhas do autor e do ilustrador, criando opiniões sobre o texto. Dessa forma, a leitura de um livro-imagem demanda uma análise cuidadosa dos elementos gráficos, explorando títulos, ilustrações e paratextos para construir significados.

Imagem 32: Instalação Doçura



Fonte: Fotos Vanessa Mazzuchelli, 2024.

A materialidade do livro carrega significado e, quando planejada intencionalmente, contribui para a compreensão do texto. Correa, Pinheiro e Souza (2019) apontam que o projeto gráfico é parte essencial da linguagem das obras infantis contemporâneas. No encontro, as crianças observaram os paratextos e destacaram sua importância, refletindo sobre como esses elementos influenciam a experiência leitora. Foram incentivadas a fazer perguntas para a capa e o título, estabelecendo um primeiro contato investigativo com a obra.

Nikolajeva e Scott (2011) destacam que os títulos de livros ilustrados desempenham papel crucial na interação entre texto e imagem, podendo esclarecer ou contradizer a narrativa visual. Nas capas, as ilustrações podem antecipar o enredo e fornecer pistas sobre a história. Assim, os leitores, antes mesmo de iniciar a leitura, ativam seus conhecimentos prévios e fazem inferências sobre o conteúdo do livro. Nos livros ilustrados contemporâneos, especialmente nos chamados “pós-modernos”, os paratextos podem desafiar convenções tradicionais, exigindo uma leitura mais crítica e atenta.

Imagem 34: Instalação sensorial Doçura



Fonte: Fotos Vanessa Mazzuchelli, 2024.

Os paratextos desempenham papel essencial na composição dos livros ilustrados, pois carregam informações verbais e visuais fundamentais para a compreensão do texto. Além disso, a materialidade da obra desperta a imaginação e o prazer da leitura. Arena (2010) destaca que a literatura infantil tem a capacidade de seduzir o pequeno leitor, estimulando sua imaginação e criando um vínculo duradouro com a leitura. Assim, ao entrar em contato com a literatura infantil, as crianças se apropriam de outras culturas e estabelecem um diálogo entre autor, texto e leitor, construindo suas próprias interpretações sobre a obra.

Imagem 35: Disposição do acervo e acesso ao público



Fonte: Fotos Vanessa Mazzuchelli, 2024.

Dessa forma, o encontro do Clube de Leitura possibilitou uma experiência imersiva e significativa com o livro-imagem, promovendo reflexões sobre sua materialidade, narrativa visual e a importância dos paratextos na construção de sentido. A mediação sensorial permitiu que as crianças interagissem de maneira mais profunda com a obra, desenvolvendo habilidades de leitura crítica e interpretação da linguagem visual.

3.8.1. Doçura

O planejamento para a instalação no Clube de Leitura para as Infâncias inspirado no livro *Doçura* foi uma experiência cuidadosamente elaborada para proporcionar uma imersão sensorial e significativa ao público. A abertura do evento ocorreu com a música “Watatá”, do grupo Histórias da Nana, criando um ambiente envolvente e preparando os participantes para a experiência literária. Em seguida, foi montada uma instalação interativa contendo páginas ampliadas e plastificadas do livro, acompanhadas por cestas com elementos físicos relacionados às ilustrações. Esses materiais foram estrategicamente posicionados para permitir que os participantes percorressem o espaço de forma linear, vivenciando a história antes mesmo de acessá-la diretamente no livro.

Cada cena da obra foi representada por uma ilustração ampliada e um objeto correspondente, como folhas de amoreira, sementes, um regador e mudas da planta. A conexão entre as cenas foi estabelecida por um cordão, conduzindo o público por uma jornada visual e tátil que reforçava a compreensão do enredo e a passagem do tempo, um dos temas centrais do livro. Durante todo o percurso, uma melodia suave ao teclado ambientava a experiência, criando um ritmo harmonioso e envolvente. A mediadora Nana

guiou os participantes, garantindo uma exploração respeitosa e fluida da instalação, culminando na cena final, onde todos se reuniram sobre uma toalha de piquenique para apreciar a leitura da obra na íntegra.

Durante a narrativa, foram feitas perguntas que incentivavam inferências sobre a história, estimulando a percepção dos participantes sobre os elementos visuais e temáticos do livro. Questionamentos sobre a relação entre as personagens, o significado dos espaços internos e externos, e a evolução da planta de amora ao longo das páginas levaram a reflexões sobre memória, aprendizado e transmissão de conhecimento entre gerações. A leitura se tornou um momento de partilha, no qual os participantes foram convidados a lembrar de alguém que já lhes havia lido uma história e compartilhar esses nomes em voz alta.

Após a leitura, o público teve livre acesso ao acervo do Clube e foi incentivado a ler com quem os acompanhava, explorando os livros utilizados na instalação e outras obras disponíveis. Esse momento de mediação de leitura permitiu que cada participante aprofundasse sua conexão com a literatura de forma autônoma e prazerosa. Dessa forma, a mediação com *Doçura* demonstrou como um planejamento cuidadoso pode transformar a leitura em uma experiência sensorial, afetiva e compartilhada, promovendo o encantamento pela literatura desde a infância.

O oitavo encontro do Clube de Leitura para as Infâncias trouxe não apenas uma experiência literária, mas também uma conexão profunda entre a mediadora e sua própria história com a leitura. Todas as partes da amoreira utilizadas na instalação foram retiradas do quintal de sua casa, um espaço de memórias afetivas e de vivências compartilhadas com a leitura. Esse gesto reforça a ideia de que os livros não são apenas objetos, mas portais para experiências significativas que atravessam gerações, assim como as folhas, galhos e frutos da amoreira carregam lembranças e ensinamentos passados de mãe para filha.

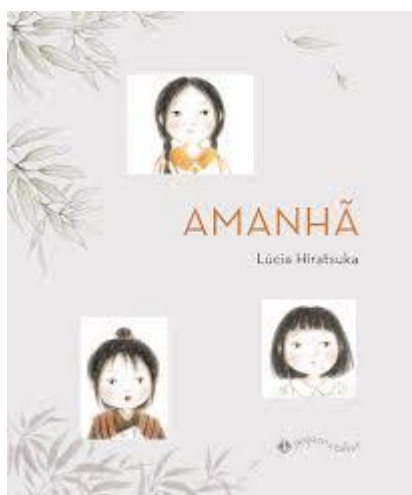
Ao refletir sobre sua própria relação com a leitura, enquanto mediadora percebo como os momentos de partilha ao redor dos livros são construídos a partir do afeto e da presença. Assim como o pé de amora cresceu em seu quintal, alimentando e conectando pessoas ao longo dos anos, a leitura também cria laços invisíveis, fortalecendo vínculos entre leitores. Quando leio para outras pessoas, sejam crianças ou adultos, busco transmitir não apenas histórias, mas o mesmo carinho e aconchego que recebi quando fui leitora ouvinte. Esse ciclo de leitura, assim como o ciclo da natureza, se renova e se expande, tocando diferentes corações.

Ao final do encontro, ficou evidente que a literatura e a natureza compartilham um mesmo ritmo orgânico: ambas crescem, transformam e se espalham através do cuidado e da partilha. A instalação do Clube foi mais do que um espaço de leitura; foi uma representação concreta do impacto das histórias em nossas vidas. Assim como a amoreira do meu quintal continuou a dar frutos, as experiências vividas naquele dia seguirão crescendo na memória de cada participante, incentivando novas leituras e formando uma nova geração de leitores conectados pelo afeto e pela literatura.

3.9. Nono encontro do Clube

No nono encontro do Clube de Leitura para as Infâncias, selecionamos o livro *Amanhã* de Lúcia Hiratsuka. A escolha dessa obra foi motivada pelo nosso compromisso em proporcionar uma bibliodiversidade de autores, temáticas e editoras. Desde o início do clube, já trabalhamos com livros de autoria local, literatura internacional, obras de autoras regionais e filosóficas, livros para bebês, narrativas sobre avós e ancestralidade, literatura indígena e livros-imagem. Desta vez, buscamos explorar uma nova cultura que, ao mesmo tempo, dialogasse com a realidade local e regional de Presidente Prudente. Essa cidade possui uma expressiva presença de imigrantes japoneses, cuja chegada remonta ao início do século XX, impulsionada pela busca de melhores condições de vida.

Imagem 36: Capa do livro *Amanhã*



Fonte: Arquivo pessoal.

A presença japonesa em Presidente Prudente e região acompanha os movimentos migratórios internacionais entre Japão e Brasil. “A territorialização dos imigrantes japoneses na região da Alta Sorocabana foi fruto de uma estratégia de sobrevivência para se tornar(em) trabalhador(es) autônomo(s)” (SOUSA, 2011, p. 127).

A introdução dos imigrantes japoneses na Alta Sorocabana resultou no enraizamento de seus descendentes por meio do trabalho, do modo de viver e da chamada “ascensão social”.

Os primeiros imigrantes japoneses que se territorializaram na Alta Sorocabana localizavam-se na colônia Brejão, em 1918. [...], a expansão da frente pioneira associada à estrada de ferro, possibilitou novas áreas para o trabalho e para a aquisição de lotes de terras. Os imigrantes japoneses foram atraídos para essa região devido à vontade deles em se tornarem donos de terras e não serem mais colonos nas fazendas de café. (SOUSA, 2011, p. 121).

Atualmente, Presidente Prudente abriga diversos eventos e tradições que celebram a cultura japonesa, como o Nikkei Fest que é o maior festival de cultura e gastronomia japonesa do Oeste Paulista); o Shokonsai que é uma celebração realizada há mais de um século no cemitério japonês que foi construído no ano de 1919 no Município de Alvares Machado, este cemitério é um marco histórico no Brasil para homenagear os antepassados e manter viva a memória dos japoneses no Brasil) e o Nissenji Matsuri, um festival voltado à cultura japonesa. Esses eventos reforçam a importância da herança cultural nipônica na região.

Imagem 37: História mediada com o recurso do Kamishibai



Fonte: arquivo pessoal.

Além do contexto histórico e cultural, a escolha da obra de Lúcia Hiratsuka também se deu pela relação pessoal com a autora. Durante minha pós-graduação na A Casa Tombada, tive a oportunidade de aprender com ela, ainda que virtualmente. Esse contato permitiu uma maior compreensão das especificidades da cultura japonesa e da singularidade que a autora expressa em suas obras, tanto na escrita quanto nas ilustrações inspiradas na arte japonesa.

Imagem 38: Público ouvindo a história



Fonte: Arquivo pessoal.

No livro escolhido para o mês, *Amanhã* (2022), é possível perceber a forte identidade de Lúcia Hiratsuka, que se manifesta através do resgate de suas origens e de sua ancestralidade. A delicadeza e profundidade com que a autora constrói sua narrativa tornam sua obra uma escolha enriquecedora para o Clube de Leitura para as Infâncias, ampliando o repertório cultural dos leitores e promovendo a valorização da diversidade.

Imagem 39: Benício lendo com Giulia o livro *Migrantes*



Fonte: Arquivo pessoal.

Lúcia Hiratsuka prestou uma homenagem à sua avó e à sua mãe em sua mais recente obra, intitulada *Amanhã* (Pequena Zahar, 2022). A história percorre três gerações de meninas descendentes de japoneses e está organizada em três partes. O primeiro capítulo, *Depois da ponte*, narra a trajetória da neta; o segundo, *Caminho das amoreiras*, aborda a jornada da mãe, Sayuri; e, por fim, o terceiro capítulo, *Tooryanse*, apresenta a história da avó, Oriê.

Por meio de palavras, ilustrações e uma canção, o livro retrata o percurso até a escola das personagens, que, em diferentes períodos históricos, deslocam-se para adquirir conhecimento. Dessa maneira, a narrativa enfatiza a escola como um espaço de eventos significativos e de conexão entre gerações.

Lúcia Hiratsuka, descendente de imigrantes japoneses, nasceu em 1960 no sítio Asahi, localizado em Duartina, São Paulo. Formou-se em Artes Plásticas pelo Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo e aprofundou seus estudos em ilustração de livros infantis na Universidade de Educação de Fukuoka, no Japão, entre 1988 e 1989. Além do desenho, buscou expandir seus conhecimentos por meio de oficinas de roteiro cinematográfico, poesia e tradução literária.

A escolha por essa temática foi motivada pelo grande número de descendentes de imigrantes japoneses na região de Presidente Prudente e cidades vizinhas. Inclusive no município que faz divisa, na cidade de Álvares Machado, está localizado o único cemitério exclusivamente japonês da América Latina.

3.9.1. Amanhã

No nono encontro do Clube de Leitura para as Infâncias, a mediação da leitura aconteceu de forma especial, utilizando o Kamishibai, uma tradicional técnica japonesa de contar histórias. O cenário estava montado: a caixa de madeira, semelhante a um pequeno palco, esperava para revelar as pranchas ilustradas que dariam vida à narrativa do mês.

A chegada ao espaço foi envolvente. A mediadora pedalava uma bicicleta trazendo o Kamishibai, enquanto a música japonesa *Tooryanse* ecoava, criando um ambiente de imersão cultural. O público, atento e curioso, acompanhava o movimento com expectativa.

Para a abertura, foi realizada a performance *Watatá* do grupo *Histórias da Nana*, acompanhada por sons delicados tocados por Ana e Giulia. O momento trouxe um toque musical e sensorial ao encontro, preparando as crianças para a experiência da história.

Antes de iniciar a leitura, houve um breve diálogo com as crianças, estimulando sua participação e reflexão por meio de perguntas. A partir dessas perguntas, a mediação seguiu para a leitura da obra *Amanhã* (2022), de Lúcia Hiratsuka. A narrativa entrelaça as histórias de três meninas, pertencentes a diferentes gerações, unidas pelo desejo de aprender. O público foi conduzido por caminhos que mostravam as diferentes formas de acesso à educação ao longo do tempo e em distintos contextos culturais.

Durante a leitura, o Kamishibai revelou, prancha a prancha, as belas ilustrações e os trechos do livro, permitindo que as crianças acompanhassem visualmente a história, enquanto a voz da mediadora guiava a experiência.

Após a história, houve um momento de mediação dos livros do acervo, incentivando as crianças a explorarem outras narrativas que dialogam com o tema. Obras como *Chão de Peixes*, *Orie* e *Eu Primeiro* foram apresentadas, proporcionando novas reflexões e conexões com a história recém-compartilhada.

O encontro foi marcado pela interação, troca de experiências e uma imersão sensível na cultura japonesa, reforçando o papel da literatura na ampliação de repertórios e no fortalecimento dos laços entre gerações.

O Clube de Leitura para as Infâncias tem se mostrado um espaço fundamental para ampliar horizontes e promover o contato com diferentes culturas e tradições. A cada encontro, reafirma-se o compromisso com a bibliodiversidade, permitindo que as crianças acessem histórias que dialogam com suas vivências e que também as transportam para outras realidades. A escolha da obra *Amanhã*, de Lúcia Hiratsuka, reforçou a importância da valorização da memória, da ancestralidade e do papel da escola como um lugar de aprendizado e resistência ao longo do tempo.

A experiência com o Kamishibai trouxe uma nova forma de interação com a leitura, tornando a mediação mais dinâmica e sensorial. O envolvimento das crianças, desde as perguntas iniciais até a exploração dos livros do acervo, mostrou como a literatura pode despertar reflexões e construir pontes entre gerações. O uso dessa técnica japonesa reforçou não apenas a narrativa do livro escolhido, mas também a conexão entre a história do Japão e sua influência na cultura brasileira, especialmente na região de Presidente Prudente.

Ao final, a troca de experiências entre mediadores e participantes evidenciou a relevância do Clube de Leitura para fortalecer laços culturais e incentivar a formação de leitores críticos e sensíveis. Mais do que um espaço de leitura, o clube se consolidou como um ambiente de partilha e descobertas, onde as histórias narradas ressoam na imaginação das crianças e as incentivam a compreender melhor o mundo ao seu redor. Assim, cada encontro se torna um convite para novas explorações, reforçando o papel da literatura como instrumento de pertencimento e construção de identidade.

3.10. Décimo encontro do Clube

Chegamos à última edição do Clube de Leitura para as Infâncias, e já sentimos a saudade tomar conta. O percurso até aqui foi marcado por descobertas, trocas e momentos inesquecíveis, mas este último encontro teve um brilho especial. Para encerrá-lo, escolhemos uma obra que conheci durante minha pós-graduação em *O Livro para Infância: Afrofuturo: Ancestral do Amanhã*, de Henrique André e Tutano Nômade. Esse livro foi apresentado por Ananda Luz na aula sobre Literatura de Autoria Negra, no dia 6 de setembro de 2023, e imediatamente chamou minha atenção.

Imagem 40: Capa do livro Afrofuturo: ancestral do amanhã



Fonte: Arquivo pessoal.

Pensado para contribuir na construção de novos futuros para crianças negras, *Afrofuturo* nasceu do compromisso de seu autor, o escritor e pesquisador Henrique André Silva, em oferecer narrativas onde crianças negras sejam protagonistas de suas próprias histórias. Publicado por meio de um financiamento coletivo via Catarse, o livro integrou a lista dos 30 melhores livros infantis de 2023 segundo a *Revista Crescer*.

Imagem 41: Discussão em sala de aula a partir da obra *Afrofuturo: ancestral do amanhã*



Fonte: Arquivo pessoal.

O encontro ganhou um significado ainda maior com a presença de Henrique André, que participou de um bate-papo após a mediação de leitura realizada pelo grupo *Histórias da Nana*. Trazer um autor para dialogar diretamente com o público em Presidente Prudente foi um momento marcante, considerando que estamos a mais de 500 km da capital do estado, onde o acesso a bens culturais e ao contato com escritores, ilustradores e autores ainda é bastante limitado. Foi uma oportunidade única de reflexão e celebração da literatura como um espaço de representatividade e transformação.

A escolha dessa temática para o último mês do Clube também ocorreu no contexto de celebração das Negritudes durante o mês da Consciência Negra, integrando a programação especial do Sesc Thermas. Nesse sentido, o Clube busca estabelecer um diálogo significativo dentro desse espaço territorial, promovendo reflexões e trocas sobre questões raciais e históricas. De acordo com Oliveira (2022), “das entranhas do passado ao presente, outros dispositivos antirracistas se fazem necessários para se viabilizar a consciencialização social”. (p. 137). Nesse sentido, ressaltamos a necessidade de dispositivos antirracistas para fomentar essa consciencialização social, evidenciando que o combate ao racismo não se limita ao reconhecimento histórico das desigualdades, mas também exige a implementação de medidas concretas e eficazes.

Imagem 42: Laboratório de costura: Kapulanas



Fonte: Arquivo pessoal.

O contexto histórico do racismo estrutural revela que, apesar dos avanços em legislações e políticas públicas, as desigualdades raciais persistem devido à reprodução de padrões discriminatórios nas instituições e nas relações sociais. Dessa forma, a busca pela equidade exige não apenas uma revisão crítica do passado, mas também um compromisso ativo da sociedade na desconstrução de práticas excludentes.

Imagem 43: Mediação Afrofuturo: ancestral do amanhã



Fonte: Fotos Vanessa Mazzuchelli, 2024.

Nessa perspectiva, a efetividade dos dispositivos antirracistas depende da sua capacidade de transformar consciências e alterar estruturas de poder que perpetuam a

discriminação racial. Isso implica em ações educativas, políticas de inclusão e mecanismos de responsabilização social para combater manifestações de preconceito e exclusão. A educação, por exemplo, desempenha um papel fundamental na formação de uma sociedade mais justa, ao permitir que indivíduos compreendam criticamente as origens e os impactos do racismo. Assim, a consciencialização social mencionada por Oliveira (2022) não se restringe à reflexão, mas deve ser acompanhada de mudanças estruturais e institucionais que garantam a igualdade racial de forma efetiva e duradoura.

Imagem 44: Ambientação, cenário e público.



Fonte: Fotos Vanessa Mazzuchelli, 2024.

Dessa forma, a afirmação de Oliveira (2022) de que “a educação para as relações étnico-raciais são demandas urgentes e requerem ações políticas de inclusão social, de debates e enfrentamentos contínuos” (p. 138), reforça a importância de um engajamento constante na luta contra o racismo. A educação, como um dos pilares centrais dessa luta, deve ser estruturada de maneira a desconstruir estereótipos, promover a valorização das culturas afrodescendentes e garantir a representatividade nas esferas acadêmica e

profissional. Além disso, a implementação de políticas educacionais voltadas à diversidade e ao reconhecimento histórico dos povos marginalizados é fundamental para consolidar um modelo social mais justo e igualitário.

Assim,

Na intermitência da vida, é importante considerar as linhagens dos povos originários das Américas, os antepassados africanos que as páginas dos livros embranquecidos silenciaram ou deturpam e, no lugar deles, nos impuseram as faces brancas desde as primeiras histórias das fadas e princesas que emocionaram (OLIVEIRA 2022 apud OLIVEIRA, 2003).

Essa reflexão de Oliveira destaca a forma como a narrativa histórica e cultural tem sido seletivamente construída para privilegiar determinados grupos em detrimento de outros. A invisibilização das contribuições dos povos originários e africanos nas produções literárias e nos registros acadêmicos reforça um sistema de exclusão e desigualdade. Portanto, resgatar essas histórias e dar-lhes o devido espaço nos diferentes espaços e nas produções culturais é essencial para promover uma sociedade mais inclusiva e representativa. A valorização da diversidade cultural não apenas repara uma injustiça histórica, mas também possibilita novas perspectivas para futuras gerações. Desta forma, destacamos o trabalho ímpar de Henrique André nessas discussões e a importância que a obra *Afrofuturo: ancestral do amanhã* teve dentro do Clube de Leitura para as Infâncias.

Imagem 45: Bate-papo com Henrique André



Fonte: Fotos Vanessa Mazzuchelli, 2024.

Pois o “combate ao racismo torna-se uma luta sem trégua que deve envolver não só a nós, negros, mas a todos os que estão sobreviventes, às margens, da nação brasileira. (OLIVEIRA, 2022, p. 143). Essa afirmação reforça a necessidade de um engajamento coletivo na erradicação do racismo, destacando que a luta antirracista é um compromisso de toda a sociedade. Ao reconhecer a história e as experiências dos povos marginalizados, é possível criar estratégias mais eficazes para combater a desigualdade e promover um futuro mais justo para todos.

Um futuro que se inicia agora, a partir de cada ação ou omissão de nossa parte. Um futuro menos adoecido pelo ódio, mais plural e inclusivo. Menos intoxicado pelas sequelas nocivas do racismo epistêmico. Um devir para as diferenças reexistirem e, assim, reconstituírem legados para que as novas gerações tenham condições de se reconhecer, potencializar saberes e gestar novas travessias no chão das escolas, nas páginas dos livros e nas breves passagens desta vida. (OLIVEIRA, 2022, p. 144).

Imagem 46: Momentos de entregas



Fonte: Fotos Vanessa Mazzuchelli, 2024.

Portanto, a construção de um futuro mais equitativo e respeitoso depende do compromisso coletivo com a erradicação das desigualdades raciais e sociais. Isso exige um engajamento ativo na promoção da justiça, na valorização da diversidade e na crítica contínua aos sistemas que perpetuam a exclusão. Ao reconhecermos a pluralidade das experiências e saberes, podemos trilhar um caminho de transformação genuína e

inclusiva, onde cada indivíduo possa contribuir para a construção de uma sociedade verdadeiramente justa e democrática.

3.10.1. Afrofuturo: ancestral do amanhã

A preparação para a última edição do Clube de Leitura para as Infâncias foi um processo enriquecedor e envolvente, mobilizando educadores, mediadores e crianças em torno da leitura de *Afrofuturo: Ancestral do Amanhã*, de Henrique André. Antes do evento principal, o livro foi apresentado na sala de aula do 3º ano A da E.M. Cel. José Soares Marcondes, onde a professora Nana promoveu uma discussão sobre as temáticas abordadas na obra. As crianças refletiram sobre suas próprias trajetórias, levantaram perguntas para o autor e produziram ilustrações sobre como se viam no futuro.

Com o apoio do programa LEEI - Leitura e Escrita na Primeira Infância, o evento ganhou ainda mais relevância, contando com a presença de formadores municipais e estaduais. A abertura do Clube foi marcada por uma apresentação artística, “Watatá - Histórias da Nana”, acompanhada de música e sonorização temática, com o uso de kalimba, djambe etc, criando um ambiente envolvente para a leitura.

Durante a leitura do livro, pausas estratégicas foram feitas para estimular a interação com o público. Foram explorados elementos como o símbolo adinkra Sankofa, a representação dos personagens e as mensagens de pertencimento e identidade. As crianças participaram ativamente, relacionando a história com suas próprias vivências e compartilhando percepções sobre ancestralidade e futuro.

O bate-papo com Henrique André foi um dos momentos mais significativos da programação. Ele respondeu às perguntas elaboradas pelas crianças e compartilhou detalhes sobre sua inspiração e processo criativo. A curiosidade em torno da última frase do livro, “INÍCIO”, e a simbologia presente nas ilustrações geraram reflexões profundas sobre os ciclos da história e as possibilidades do futuro.

Ao final, houve um momento de mediação de livros do acervo Histórias da Nana, promovendo a exploração de outras narrativas afrocentradas. A edição do Clube de Leitura se encerrou com um sentimento coletivo de aprendizado e inspiração, reforçando a importância da literatura como ferramenta de empoderamento e construção de futuros mais inclusivos.

A última edição do Clube de Leitura para as Infâncias deixou um legado de aprendizado, reflexão e inspiração. Ao longo do encontro, foi possível perceber como a

literatura tem um papel transformador na formação das crianças, especialmente quando estas se veem representadas nas histórias que leem e ouvem. A presença do autor Henrique André trouxe um significado ainda maior ao evento, fortalecendo os laços entre leitores e escritores e demonstrando a importância da construção de um espaço literário inclusivo e significativo.

O impacto do livro *Afrofuturo: Ancestral do Amanhã* foi evidente nas interações do público, nas questões levantadas e no envolvimento emocional das crianças. As discussões sobre ancestralidade, identidade e futuro possibilitaram que cada participante refletisse sobre sua história e o papel que desempenha na sociedade. A troca de experiências e o contato direto com a narrativa afrocentrada proporcionaram uma nova perspectiva sobre a literatura infantil e sua função social.

Encerramos esta jornada com um sentimento de missão cumprida e esperança de que o Clube de Leitura continue a promover o acesso à literatura afrorreferenciada e a outras narrativas que dêem voz à diversidade. O evento reafirmou a necessidade de iniciativas que valorizem as histórias e vivências de diferentes grupos sociais, fortalecendo a consciência crítica e a empatia desde a infância. Que cada leitura seja um convite para sonhar, refletir e construir um futuro mais justo e representativo para todas as crianças.

4. CONCLUSÕES: COMO CRIEI UMA ATIVIDADE DE LEITURA DE FORMA AUTORAL

Ao longo desta jornada, a experiência com o Clube de Leitura para as Infâncias se revelou um caminho de aprendizado e reflexão, consolidando-se como um espaço de trocas, descobertas e crescimento. O percurso iniciado a partir da inquietação sobre o conceito de mediação de leitura evoluiu, a meu ver, para uma prática fundamentada em teoria, experiência e escuta sensível. Ao longo dos últimos anos, a busca por compreensão e aprimoramento dessa prática foi impulsionada por formações, estudos e pela própria vivência no Clube, que se tornou uma expressão concreta das reflexões construídas no percurso acadêmico dentro d’Casa Tombada, pois a ideia do Clube surge a partir dos encontros que tive na pós-graduação O livro para Infância e aos poucos ele foi tomando forma, se aperfeiçoando e melhorando a cada encontro.

A experiência do Clube de Leitura transcendeu a simples leitura compartilhada, adquirindo uma dimensão artística e cultural, promovida por um espaço institucional voltado à cultura. Diferente das práticas em sala de aula, que se estruturam em torno do gênero literário e da compreensão textual, o Clube se consolidou como um espaço de experimentação e sensibilidade, onde a literatura encontra a expressão corporal, a musicalidade e a interação performática. Dessa forma, cada encontro se tornou um momento único, moldado pelo público presente e pelo diálogo estabelecido com os textos, os autores e os mediadores. Mas, algo me deixou inquieta: a proposta do Clube de Leitura era de que conseguiríamos manter um mesmo público do início ao fim do projeto realizado no Sesc Thermas e isso nem sempre ocorreu. Essa é uma resposta que não consegui encontrar... por quê o grupo de crianças não se manteve o mesmo do início ao fim? O que levou a ter uma rotatividade de crianças a cada mês? O que faltou? Essas são perguntas nas quais eu ainda não tenho respostas, talvez precise circular por outros espaços com essa proposta para obter as respostas, ou quem sabe você meu leitor tenha percebido algo que eu até esse momento ainda não consegui identificar?

O Clube de Leitura para as Infâncias foi além de um espaço de leitura e mediação literária, tornando-se um ambiente de construção de afetos, vínculos e novas formas de percepção da literatura. Ao longo dos dez meses de encontros, cada leitura se desdobrou em reflexões profundas, permitindo que crianças e adultos compartilhassem suas interpretações e se conectassem com as histórias de maneira única. Essa interação proporcionou não apenas um aprimoramento das práticas de mediação de leitura, mas

também um enriquecimento pessoal e profissional, fortalecendo minha trajetória como mediadora, professora e pesquisadora. A cada encontro era inventadas novas formas de mediar as histórias, de uma forma única, misturando as teorias que me acompanham, as práticas que presenciei da Cris, Ananda e Camila, em muitas das conversas antes de iniciar o nosso horário das aulas nas noites de quartas-feiras n' Casa Tombada.

Além disso, a participação na pós-graduação O Livro para a Infância ampliou minha perspectiva sobre a importância da literatura infantil e da mediação de leitura na formação de leitores críticos e sensíveis. As contribuições teóricas e práticas oferecidas ao longo do curso foram essenciais para que eu pudesse ressignificar minha atuação e compreender a mediação de leitura como um processo dinâmico, em constante transformação. O Clube de Leitura para as Infâncias tornou-se, assim, um reflexo desse percurso formativo, sintetizando aprendizados e permitindo novas experimentações.

Por fim, a conclusão deste trabalho não representa um ponto final, mas sim a continuidade de um processo que segue reverberando em cada leitura realizada e compartilhada. Como afirmam Durand e Gerbovic (2024), “os clubes de leitura não terminam com o último encontro, pois as leituras seguem ecoando em cada mediador e participante” (p. 181). O Clube de Leitura para as Infâncias, portanto, permanece vivo na memória e nas práticas dos que dele participaram, mantendo-se como um espaço de formação, descoberta e valorização da literatura infantil. Essa experiência reafirma o poder da leitura compartilhada como ferramenta de transformação social e fortalecimento de identidades, apontando para futuros encontros e novas possibilidades dentro do universo da mediação de leitura.

Encerrar este ciclo significa, acima de tudo, reconhecer o impacto que essa trajetória teve em minha vida e na vida daqueles que participaram desse percurso. A literatura infantil continua a me atravessar e a me transformar, e sei que este é apenas o começo de novas histórias, novos projetos e novas descobertas. Que a mediação de leitura siga sendo um caminho de encontros, encantamentos e possibilidades infinitas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, CHIMAMANDA. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

ANDRÉ, HENRIQUE. **Afrofuturo**: ancestral do amanhã. São Paulo: Editora Kitembo, 2022.

ARENA, D. B. **A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita**. In: ARENA, D. B. ; GIROTTI, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 13-44.

BAJARD, ELIE. **Ler e dizer**: Compreensão e comunicação do texto escrito. São Paulo: Cortez, 2005.

BAJOUR, CECILIA. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BETTELHEIM, BRUNO. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16a Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.

CARNEIRO, ANA PAULA. **Lendas brasileiras para crianças**. Presidente Prudente: Impress, 2023.

CAVALCANTE, JOÃO VICTOR DE SOUSA. **Da ilustração ao cinema**: Onde vivem os monstros e a tradução do personagem. Curso de graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (monografia). Fortaleza, 2012.

CHAMBERS, AIDAN. **Diga-me**: as crianças, a leitura e a conversa; trad. Juliana Chieragato Pedro. São Paulo: Cortez, 2023.

CORRÊA; Hércules de Toledo; PINHEIRO, Marta Passos; SOUZA, Renata Junqueira de. A materialidade da literatura infantil contemporânea: projeto gráfico e paratextos. In: PINHEIRO, M. P. TOLENTINO, J. M. A. **Literatura infantil e juvenil**: campo, materialidade e produção. Belo Horizonte, MG : Moinhos; Contafios, 2019.

COSTA, JULIANA. **No seu tempo**. São José do Rio Preto: Ed. Da Autora, 2023.

CRUZ, JOCELI CRISTIANE DA. **Onde vivem os monstros**: o espaço narrativo como construção de uma autonomia existencial nos textos dedicados à infância. Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE (dissertação). Curitiba, 2011.

DORRICO, TRUDRUÁ. **Um tronco para chamar de nosso**. In: Revista na Ponta do Lápis/Cenpec – Ano 19, n. 40 – São Paulo: Cenpec, 2023.

DURAND, JANINE; GERBOVIC, LUCIANA. **Clubes de leitura**: uma aposta nas pequenas revoluções. São Paulo: Solisluna Editora, 2024.

FÁTIMA, ANA. **Os dengos na moringa de Voinha**. São Paulo: Brinque-Book, 2023.

GIROTTTO, C G. G. S.; SOUZA, R. J. **Estratégias de leitura**: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: ARENA, D. B. ; GIROTTTO, C G. G. S.; SOUZA, R. J. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 45 - 114.

GIROTTTO, C; SOUZA, R. **Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que lêem**. (2010) IN: **ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

GIROTTTO, Cyntia Graziella G. Simões; SOUZA, Renata Jun-queira de. **Práticas de leitura na infância: desatando os nós da formação de ouvintes e leitores**. In: GIROTTTO, Cyntia Graziel-la G. Simões; SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Literatura e Educação Infantil: livros, imagens e práticas de leitura**. Campi-nas: Mercado das Letras, v. 1, p. 1-226, 2016.

GIROTTTO, Cyntia. Graziella. G. Simões. **Literatura na infância: a criança, o livro e capacidade de ler**. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 26, n. 3, p. 34-52, set. 2015.

HAUSSAUER, Marina. **Desafios da gestão de coleções em bibliotecas públicas: um estudo amparado em princípios da bibliodiversidade**; orientador, Marcelo dos Santos. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de Informação e Cultura / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.

HIRATSUKA, LÚCIA. **Amanhã**. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2002.

KRENAK, AILTON. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2022.

MARTINS, LEDA MARIA. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MAYER, BEL SANTOS. **Parelheiros, idas e vi(n)das: ler viajar e mover-se como uma biblioteca comunitária**. São Paulo: Instituto Emília: Solisluna Editora, 2022.

MEDEIROS, JÚLIA. **A avó amarela**. São Paulo: Editora ÔZé, 2018.

MODESTO-SILVA, Kenia Adriana de Aquino. **O nascimento do pequeno leitor: mediação, estratégias e leitura na primeiríssima infância**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, 2019.

NIKOLAVEJA, M.e SCOTT, C. **Livro ilustrado: palavras e imagens**. São Paulo: Cosac e Naify, 2011.

OLIVEIRA, MARIA ANÓRIA DE JESUS. **Educação para as relações etnicorraciais: vocês tem feito o trabalho de vocês?** AFROLIC. Anais volume 1 - AFROLIC – UFRN – 2022, p. 134 – 146.

PENZANI, RENATA. **A natureza selvagem de Maurice Sendak**: 'a mágica da infância é sua estranheza'. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/BlogPost/6574/a-natureza-selvagem-de-maurice-sendak-a-magica-da-infancia-e-sua-estranheza> acessado em: 12/02/2025.

PETIT, MICHÈLE. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019.

RIBEIRO, DJAMILA. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

SENDAK, MAURICE. **Onde vivem os monstros**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

SILVA, KENIA A. de A. MODESTO; CAMPOS, C. de A.; CARNEIRO, A. P.; CORTEZ, M. Ler ou dizer histórias: a proferição na educação infantil. In: FEBA, B. L. T.; SOUZA, R. J. **Práticas de leitura literária na primeira infância**. Presidente Prudente: Editora Educação Literária, 2020.

SISTO, CELSO. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOUSA, ADRIANO AMARO de. **A territorialização dos imigrantes japoneses na alta sorocabana**. Formação (Online), 2(14). (2011). Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/650> Acesso em: 19/02/2025.

SOUZA, R. J.; LUIZ, F. T.; SANTOS, A. L. G. dos. **As conexões e o conhecimento prévio**: decifrando os perfis de jovens leitores e futuros professores. In: SOUZA, R. J.; FEBA, B. L. T. Estratégias de leitura: reflexões sobre o ato de ler no ensino superior. Tubarão, SC: Ed. Copiart, 2017. p. 74-95.

WAPICHANA, CRISTINO. **A boca da noite**. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

ZANON, CAMILA ALINE. **Onde vivem os monstros**: criaturas prodigiosas na poesia hexamétrica arcaica. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (tese). São Paulo, 2016.

ZUMTHOR, PAUL. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.